

ASSIGNATURAS
ANNO 20\$000
SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Não ganhamos para o susto que nos pregou o *Deodoro*, arribando a Laguna, ao sul do pharol de Santa Martha, ao qual, como um desesperado, entregue sem movimento ao capricho das ondas, pedia socorro.

Averiguado o sinistro caso que pôz de promptidão, em cruel sobresalto a nossa possante marinha, verificou-se que não houvera accidente: o navio estava são e forte, com as suas monstruosas entranhas --- o estomago de caldeiras e as tripas de tubos --- em perfeito estado de saude, mas... faltava-lhe apenas carvão. E por isso pôz a bocca no mundo dos solitarios mares, agitando-lhe a serenidade silenciosa com os acenos afflictivos da bandeira a meio pau e com os tiros de seus canhões.

Próva que o instincto de providencia não andou muito aguçado no emprehendimento dessa viagem de cortezia aos nossos queridos visinhos do Rio da Prata, onde fomos, representados por uma unidade da nossa força naval, dar as boas vindas ao presidente Quintana, empossado do poder sem bulha e matinada.

Essa falta de carvão não pode ser classificada entre os accidentes peculiares á vida do mar. Um vaso de guerra, ou um calhambeque qualquer, aprestado para uma viagem de luxo, não tem desculpa de esquecer o combustivel, como ninguem tem desculpa de esquecer o alimento, cuja privação é sempre um caso de violenta força maior.

Mas... houve máu tempo na travessia e lá se foi o combustivel, vendo-se os valentes marinheiros na dura contingencia de sacrificarem á voracidade das caldeiras, tudo quanto podesse ser queimado.

Ora, a tribusana, a que se attribue o sinistro, deveria figurar no primeiro capitulo das previsões corriqueiras, porque todo o mundo sabe que não se deve fiar naquelles mares irrequietos, varidos por paup'iros; além de que precauções se não fizeram para travessias bonançosas, em tranquillos mares de leite, ao impulso das caricias de ventos galernos.

Logo, não ha justificação para a carencia de combustivel, que deveria ser calculado com sobras para os accidentes vulgares, a menos que allí pela marinha não andem as coisas a razão diminuta e magra, mesmo nos generos de primeira necessidade, como deve ser o carvão para os navios de guerra.

Apezar dos testemunhos dignos de fé, não se nos abrem os miólos para essa justificação que parece encobrir coisa muito peor, se é possível, como arriscar a uma viagem de exhibição um navio que não esteja em completas condições de segurança.

Este caso veio em apoio do pessimismo do sr. ministro da marinha, e augmenta a dolorosa série de desastres que se figuram symptommas de uma incapacidade chronica, irreparavel.

* *

Na administração do sr. Prudente de Moraes, que era um santo e um presidente desconfiado, um constructor europeu se propoz a nos dotar com uma esquadra de cruzadores do ultimo feitio, para completarem um plano efficaz de defeza das nossas extensas costas no Atlantico.

O fabricante de vasos de guerra receberia o custo da esquadra em apolices da divida publica e se submettia a condições que tornavam suavissimo a sacrificio imposto á nação para se prover de tão formidavel armamento.

O presidente da Republica estudou a proposta em todas as suas complicadas minucias; concluiu que ella era excellente, excepcionalmente vantajosa; mas...

--- A quem entregaremos esses navios? --- perguntou ao ministro da marinha, que não achou resposta a tão simples pergunta.

As perguntas mais simples são em geral as que mais embatucam.

De resto, nesse melindroso ramo da administração, andamos como um chavêco sem bussola. O saudoso almirante Pinto da Luz affirmou, num pomposo relatorio, que tinhamos uma porção de unidades navaes, promptas á primeira voz; succede-o o actual ministro que, muito conhecedor da materia, declara que essa esquadra, não corresponde ás necessidades nacionaes. Dahi o projecto do sr. Laurindo Pitta, censurado por muitos como obra sumptuaria.

O que nos falta e devemos adquirir, com urgencia, é gente que não pretenda, como o inglez com o jejum da mula, inventar o meio de navegar a vapor sem carvão.

EXTERIOR

A maluquice da famosa esquadra russa do Baltico, dando combate ao rebanho de barcos de pesca em tranquilla faina inoffensiva no Mar do Norte, suscitou, em toda a Europa, uma impressão de ridiculo misturado de indignação.

Procura-se attenuar a insolita violencia como o exercicio do direito de visita a navios suspeitos; mas esse não é o caso, tratando-se de barcos de pesca, que o terror do almirante russo suspeitou serem torpedeiras ao serviço dos planos destruidores da espionagem japoneza.

Parece repetir-se um daquelles casos de allucinação dos viajantes das remotas eras da historia, vendo no mar, mysterioso abysmo donde surgiam inopinadamente, á proporção que se erguiam no céu constellações, e no horizonte novas, novas terras, monstros horrendos, triões e sereias, divindades e adamastores empenhados em repellar o homem do dominio do oceano. A esquadra russa, após muitas sahidas falsas, marchas e contramarchas, encetou a sua viagem para o theatro da guerra sob a pressão do panico, vendo inimigos por toda a parte, nas ardentias, como nas sombras da curva crespada das ondas.

Quem assim começa e marcha para o theatro da guerra, começa mal.

A Inglaterra, ciosa do seu commercio maritimo, é ferida nos seus melindres e interesses toda a vez que se he apreza um navio. Dahi a celeuma que o facto levantou no coração britanico, que palpita no *city* como centro de circulação do dinheiro do mundo.

A imprensa ingleza se assanhou com extraordinario impeto; a calma britanica desappareceu numa agitação patriotica, e o *Times*, o orgão dos millionarios, da gente que tem a perder, deixou a sua gravidade para dizer: que se a Russia não exprimir á Grã-Bretanha, antes de 24 horas o seu pezar pela triste occurrencia, e não apresentar desculpas, compromettendo-se a completas reparações, a nação ingleza espera do seu governo alguma coisa mais que simples palavras.

Na conjuncção em que se acha, a Russia daria todas as satisfações, faria tudo para não exacerbar o leopardo e evitar que o opportunismo de John Bull tire maior partido da occurrencia. Quando muito, se submeterá com um protesto platonico, como no caso do Thibet.

* *

Da guerra não ha novidades. Os dois exercitos acampam nas margens do Sha-ho e as posições occupadas não compensam a horrivel carnificina que custou a offensiva de Kuropatkine. A ultima batalha dislocou as fileiras russas em mais de treze mil homems mortos.

O Deus dos exercitos parece que não fez ainda as pazes com o Csar.

FOJUCAN

NEM MEL NEM CABAÇA

Suum cuique tribuere

O sonho doirado, a suprema aspiração da meiga consorte do Azevedo, era possuir uma casa, libertar-se do abutre do aluguel, companheiro voraz de cama e meza, a extorquir-lhe, todos os, dias cinco mil reis, quasi tanto quanto custavam os meios de alimentação da exemplar e venturosa familia. Foi por isso de festa, de indizível alegria, o memoravel dia em que Azevedo, ao regressar do trabalho, impando de satisfação, como um victorioso, annunciou a surpreendente conquista.

— Aqui tens, mulher querida, disse elle, estendendo-lhe, com um largo gesto de orgulho, u n grande envelope — o teu sonho, o teu impossivel realiado... Temos casa, muito nossa, uma pechincha que Deus me deparou em hasta publica no juizo federal.

E mostrou á mulher atonita, tremula de jubilo, mal acreditando no que via com os formosos olhos desbordantes de lagrimas, a carta de arrematação, condecorada de estampilhas multicores, documento da compra com todas as formalidades legaes de uma casa na rua de... n. 45.

Amelia abraçou-o numa immensa effusão grata; beijou-lhe o rosto barbudo, e murmurou, com um longo suspiro de allivio:

— E' um pezo que me tiras da cabeça, esse maldito aluguel mensal. Deus seja louvado, Deus te abençõe, maridinho de minha alma...

— Foi-se tudo; foram-se as economias — observou Azevedo, mas... somos proprietarios...

E contou como por um propicio acaso, sem competidores, conseguira arrematar uma casa daquellas, um palacete que rendia duzentos mil reis por mez, todo de pedra e cal, muito bem acabado, com obras de esquadria que erão uma especialidade. O caso era tão extraordinario, que se lhe figurava um milagre, um especial favor de Deus.

Amelia preferiria uma chacara, cheia de arvorêdo frondoso, com um pomar, uma horta, e, para os meninos brincarem ao ar livre, um delicioso jardim, que ella trataria com desvelo, cortado de ruas calçadas de seixos, com o rio minuscuro, povoado de peixes doirados, a se contorcer por entre as roseiras olentes, passando por baixo de pequeninas pontes rusticas de madeira fingida em cimento e ferro, e precipitando-se numa rumorosa cascatinha forrada de musgo avelludado. Mas, não estava por isso menos contente com a sua sorte: a casa daria bastante para alugar a chacara.

* *

No dia seguinte Azevedo, foi visitar o inquilino. Subiu, com ares de quem entra no que é seu, as escadas; bateu

palmas sonoras, e, introduzido na sala por um criado, ficou, durante alguns minutos, examinando o assoalho, o tecto, as portas, o papel das paredes, tudo limpo e pollido, denotando o zelo e os bons costumes do morador.

— Sim, senhor — balbuciu elle — este é pichoso, conserva com solicitude o alheio.

— Que deseja? — disse-lhe o inquilino, apparecendo em trajo matinal — Faça o favor de sentar-se.

— Desculpe vossa senhoria o incommodo. A demora é pouca... Eu... vim participar-lhe que de hoje em diante deve pagar a mim o aluguel, que fica elevado a duzentose cincoenta mil reis.

— O aluguel?... — exclamou o outro, assombrado, como se estivesse diante de um louco.

— Sim, senhor. Comprei-a em hasta publica...

— Não é possivel... O senhor está sonhando...

— Como não é possivel!?. Aqui tem a carta de arrematação feita num executivo fiscal para pagamento de impostos...

— Eu nada devo á fazenda nacional, graças a Deus — retrucou o homem encolerisado.

— E essa?... Fui sempre pontual para não pagar multas. Ha, por força, engano... Ora, espere...

Pouco depois, voltou com um masso de papeis cuidadosamente dobrados e amarrados por uma fita vermelha: erão recibos impressos de quitações de impostos, decimas, pennas d'agua e os documentos de aquisição do predio.

— Nada tenho com isso — concluiu Azevedo, depois de passar desdenhosamente os olhos pelos documentos — Comprei a casa á justiça, que não se engana. Está muito bem comprada com todas as formalidades... Vossa senhoria que se avenha com a justiça...

— Eu, não. A casa é muito minha. Daqui não saio nem á bala.

Esta expressão estava, naquelle tempo, muito consagrada pela superstição politica.

— Pois ha de sair por mal, tocado pelos officiaes de justiça — intimou Azevedo, desconcertado pela resistencia do seu inquilino — E... passe muito bem —

* *

Verificou-se que houvera engano no lançamento, em consequencia de uma reforma de numeração, feita em placas esmaltadas. O predio devedor tinha o numero 43, e era muito inferior ao que fôra vendido.

Azevedo fez medonho barulho, portou-se com irreverencia no augusto recinto do pretorio, tal foi o seu atordoamento, quanto se convenceu do terrivel engano e que o proprietario do predio n.43 estava, por sua vez, quite com o erario da Republica.

— Como ha de ser agora, senhor juiz? — inqueriu elle, acabrunhado, quasi em pranto.

— O senhor tem razão, mas eu não posso *ex-officio* reformar o que está feito em processo findo.

— E o meu dinheiro, os meus trinta centos que representam privações sem conto, sacrificios enormes?... Então a gente se fia da justiça, compra uma coisa que ella vende em voz alta na porta da rua; compra de boa fé; e, agora, sem mais nem menos, a justiça diz que houve engano, que eu tenho razão, mas não me pode restituir o meu dinheiro, o preço, os impostos e as custas?...

— Tem razão — ponderou o juiz, que allava um rijo character ao mais piedoso coração. — O senhor não perderá o seu dinheiro; mas é indispensavel promover pelos meios legaes a restituição do que pagou...

* *

Azevedo partiu praguejando contra a justiça, geiticulando com gestos desordenados, voltando-se repetidas vezes de punhos cerrados, ameaçadores, para o immundo pardieiro onde funcionavam tribunaes.

Em casa, a sua indignação rubra se transmittiu á mulher que, em contraste com a doçura habitual, as maneiras meigas, entrou a dizer injurias contra a Republica, governada por larrapios, gatunos indecentes, que estorquiam, por meios indignos, dinheiro á gente honrada.

— No tempo da monarchia — exclamava a excellente senhora, esbragada de rancor — casos desses não se dariam, nunca se deram. E, quando tal acontecesse, a gente ia queixar-se ao Imperador, que não pactuava com bandalheiras. Hoje... é isso que se está vendo: A justiça vende o que lhe não pertence e nós, que caímos na asneira de comprar, ficamos ás cascas, vamos nos queixar ao bispo, ou chorar na cama o nosso dinheiro roubado... E' um horror, uma pouca vergonha...

E a pobre, sacudida de commoção, abrigou-se, suffocada pelo pranto, no seio do marido.

* *

Azevedo propoz uma acção para haver o seu dinheiro.

Correram sem incidentes, por méra formalidade, todos os tramites do processo, mas afinal o procurador da Republica, para não marear a sua legitima reputação de funcionario zeloso, esgaravatou umas tantas nullidades que, repellidas pelo juiz do feito, fôram decretadas na instancia superior.

O pobre homem tinha carradas de razão; era evidente, palpavel, indiscutivel a injustiça; mas a ethica pro-

fissional impunha o dever de oppor todos os embaraços á restituição do dinheiro recolhido por qualquer titulo aos cofres publicos.

Assim o exigiam os sagrados interesses da União.

Dinheiro, que entra no Thesouro Nacional, é como alma caída no inferno.

Resignado a esse novo golpe, Azevedo pagou as custas, propoz nova acção e obteve sentença favoravel; mas, por seu caiporismo aconteceu que o presidente desta Republica, cuja organização assenta na pedra angular da independencia dos poderes, passasse em substancial mensagem, um pito nos juizes que decidiam contra a União.

Era indispensavel que a Justiça, secundando os patrioticos esforços do governo, dêsse pancada de cégo.

De outro modo, toda a renda nacional, sempre augmentada pelo abuso de contribuições oppressoras, seria insufficiente para pagar as consequencias funestas dos desastres das administrações desorientadas, da desidia, da ignorancia, da concussão de funcionarios, da crueldade, da selvageria dos agentes do governo ao serviço da politicagem, de todos os erros e vicios que estavam desmoralizando e desorganizando o mechanismo social.

Essa exortação, impregnada de patriótico zelo pelos mais transcendentis interesses da Patria, não podia deixar de echoar como uma ordem, nas serenas regiões da Justiça, soberana, independente. E como era indispensavel acabar com as indemnisações, com as reparações de direitos violados, com as restituções de impostos arrecadados illegalmente pelo minotauro do fisco, a Justiça suprema desatou do augusto rosto a venda mythologica para ver melhor e trucidar, inexoravelmente, tudo quanto cheirasse a pretensão contra o estado, principalmente a pedido de dinheiro do Thesouro Nacional.

O Congresso, por sua vez, fiel á sua missão de instrumento subalterno do governo, decretára a mais cabal desconfiança nos arestos, impondo o pagamento dos julgados com desconto de onzenario, estabelecendo umas tantas providencias para embaraçar com nugas de vilissima chicana a execução de sentenças contra a União, ou vencer os litigantes pelo cansaço, pelo desespero.

A justiça para manter o essencial equilibrio dos poderes se submetteu a tudo; engoliu, de cara alegre, todos esses absurdos monstruosos.

A causa de Azevedo por via de appellação obrigatoria para os Procuradores, sob pena de demissão, chegou á instancia augusta, á sagrada acropole da Justiça, precisamente no periodo de maior exacerbação do sagrado zelo pelo intangivel dinheiro nacional.

No julgamento, houve azeda discus-

são entre o relator e Covarruvas, que perturbou a placidez do recinto com phrases energicas, contundentes como pedradas; bradou contra a rude injustiça, qualificou vandálica extorsão a negação daquelle direito, demonstrado pelo facto, assente em razões inexpugnaveis, de evidencia deslumbradora; não logrou, porém demover de seus inexpugnaveis reductos de idéas inabalaveis, de resoluções preconcebidas, os collegas que, indifferentes á escaramuça, ao tiroteio da discussão, conversavam sobre coisas innocentes — as consequencias de um ataque de influenza, as tyrannias de um rheumatismo, a exarcebação das hemorroides ou algum engraçado caso de politica.

Covarruvas perdeu o seu rico latim: os transcendentis interesses nacionaes foram mais eloquentes e o gladio legendario cumpriu, fatidico, o seu dever de instrumento da restauração das corruídas finanças da Republica.

Foi reformada a sentença appellada para ser o autor julgado carecer da acção.

* *

Foram assim burladas as mais queridas aspirações, o sonho de ouro da pobre Amelia Azevedo.

Esse golpe desequilibrou as finanças do casal e o voraz abutre do aluguel continuou a roer-lhe as economias, a beber-lhe o suor do rosto.

Nem predio, nem dinheiro. Nem mel nem cabaça...

CUJAS

OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL

I

Differem profundamente, entre si, os trez periodos de governo representativo e constitucional no Brazil.

Não dominam, em cada um delles, os mesmos principios; não regulam as mesmas praticas; não prevalecem as mesmas idéas.

O regimen do primeiro reinado, toáo excepcional, não é, de certo, identico ao da Regencia, que se lhe seguiu. A revolução de 7 de abril abriu entre elles um vasto vallado de separação, que tambem divide o segundo reinado e os dous precedentes.

Donde provem esta differença, esta variação na pratica do mesmo systema de governo, fundado desde a promulgação da Carta Constitucional de 25 de março?

Questões de historia, que só podem provocar a curiosidade dos amadores da archeologia...

Que interesse podem ter as novas gerações em conhecer a explicação desses phenomenos sociologico-politicos?

O regimen do passado nem sequer tem applicação no presente; já passou da moda. Delle não póde porvir nenhuma licção para os homens novos, que se occupam dos negocios publicos. Ao regimen actual, as praticas do passado são inuteis, ou absolutamente estranhas. Como, porém, ha muita gente, que estuda as instituições da liberdade antiga de Athenas e de Roma, é provavel que estas questões de politica historica encontrem alguns devotos.

Antes de procurar a explicação do phenomeno, convem verificar a existencia provada d'alguns factos: ter como que uma vista rapida do passado.

Não seria temeridade affirmar que o governo do primeiro reinado — nunca foi constitucional, isto é, limitado pela lei, sujeito na esphera de acção, que lhe era facultada. Pelo contrario, foi a prolongação da monarchia tradicional, arbitraria, absoluta e irresponsavel.

Resultavam esse illimitado poder, essa omnipotencia, que eram a prerogativa da Realeza de direito divino — de duas ordens de circumstancias: 1.^a — da tradição antiga ainda religiosamente respeitada; 2.^a da ausencia de Constituição e de camaras legislativas desde 1823 até 1826, quando, pela primeira vez, funcionou a Assembléa-geral.

E' facto incontestavel que, durante este periodo, o governo procurava normas em sua vontade, ou na tradição da antiga Realeza. Os homens, que preponderavam na scena politica, evidentemente não tinham outra educação: alguns, como José Bonifacio, reputado o mais sabio, seguiam as praticas estabelecidas pelo despotismo, ás vezes --- insano — do ministro de d. José I; do ministro, que foi um despota da peor especie, porque fazia o mal sob o pretexto de querer o bem: theoria, que José Bonifacio realisou como *patriarcha*, fundador da Independencia e iniciador da liberdade civil e politica, que a colonia brazileira ignorava até a vinda de d. João VI.

Ora, si quizermos ver como principiou a funcionar o governo representativo no Brazil, recorreremos aos documentos, que subsistem e que são fontes historicas, onde devemos beber, ou estudar os acontecimentos da epocha --- essas fontes são: os actos do governo e os *Annaes* parlamentares, porque a historia só virá mais tarde e ainda incompleta e deficiente.

Na Assembléa Constituinte de 1823, tudo é quasi novo, no exercicio das funcções.

Não havia dantes, na metropole, eschola de politica parlamentar; os nossos homens, portanto, não estavam preparadas a exercel-as.

Em sua maioria, a Assembléa Cons-

stituente era formada de homens bons, mas de mediocre instrucção: não havia, nesse cardume de improvisados legisladores, um homem superior, como Mirabeau, que desde a reunião dos *Trez-Estados*, imprimiu n'assembléa, feliz orientação pela energia da vontade, pela supremacia do talento, pela profundeza da sciencia e pelo poder irresistivel da palavra inspirada.

Os homens mais distinctos por alguma illustração, adquirida, ou nas secretarias d'Estado em Lisboa, ou no professorado, como os Villela Barbosa, Carneiro de Campos, Baependy, Santo Amaro, e José Bonifacio (que era completamente nullo nas luctas da palavra na tribuna parlamentar) --- taes homens não reuniam as condições, que abundavam no Conde Gabriel Honoré de Piquetti, o maior orador da Revolução franceza de 1789. No meio da nossa assembléa, pretendia avultar, impondo-se pelo arreganho e fatuidade --- Antonio Carlos de Andrada, que tinha impetos oratorioos, que deslumbravam os auditorios inexperientes.

Assim que, nos *Annaes* da Constituinte de 1823, o vulto, que refulge imponente em todas as occasiões, é do antigo magistrado d'Olinda, victimado patriota da revolução de Pernambuco de 1817 e prezo, acorrentado nas cadeias da Bahia.

Antonio Carlos, logo nas primeiras sessões, absorve attenção da noviça Camara e conquistou a facil e frivola admiração do auditorio das galerias, que então ficavam repletas e eram curiosas.

Elle suscita e discute todas as questões. Elle opina dogmaticamente. Elle ensina, reprehende e reprova. E' um professor imperioso e irritadiço, inexoravel, dirigindo discipulos submissos.

Mas o que, hoje, nos sorprehende --- após um espaço de 81 annos decorridos --- não é a fatua pretensão, nem a ostentosa rhetorica de Antonio Carlos, é a futilidade das questões; é o tom da discussão; é o estylo guindado, que nos faz rir, mas que arrancava, outrora, calorosos e infrenes applausos, e fazia com que, quando o orador transitava pelas ruas da cidade --- a multidão estacasse deslumbrada e respeitosa o mostrasse com o dedo, dizendo --- *eis ahi o grande orador!*

Dessa palavra, si foi flama, só resta um mesquinho residuo de cinzas... mas o nome do orador, honrado pela estima publica e engrandecido pela tradição, perdura em nossas memorias, qual uma das glorias da tribuna, ainda que a severidade da critica bote um pouco dagua na fervura do entusiasmo. Si estas notas, que escrevo ao correr da pluma, não fossem destinadas a viver, como a *rosa* do velho poeta Malherbe, eu me daria ao trabalho de abrir e compulsar os vo-

lumes dos --- *Annaes* --- colhendo, aqui e acolá, algumas flores da afamada eloquencia, para offerecel-as aos admiradores, nas novas gerações, afim de que não sejam echos da tradição, quasi sempre inconsciente; ao contrario possam fallar e julgar --- *cum scientia atque conscientia*.

Darei, todavia, um ligeiro excerpto, que sirva de *amostra* e justifique a minha critica.

Na sessão preparatoria de 30 de Abril, discutiu-se o cerimonial, com que s. m. Imperial, deveria ser introduzido e recebido no recinto da assembléa dos Representantes da nação. O debate foi futil, mas ardoroso. O padre Dias, deputado de Minas Geraes, derramou-se como uma vaga estendendo-se em arenosa praia. Tratando do assumpto, opinou « que a posição, que se deve designar seja distincta, mas no mesmo plano, onde estiver o presidente d'assembléa, cabeça inseparavel, naquelle acto, do corpo moral, que representa a nação, soberana e independente, e deixaria de o ser, quando tivesse superior. »

A estas pieguices do Reverendo mineiro accode Antonio Carlos, exercendo o seu magisterio parlamentar: ergue-se de subito, com a fronte araiada de luz e com os olhos flammejantes de inspiração, e brada --- « sr. presidente, eu estava preparado para ouvir portentos nessa assembléa, vivemos na idade das maravilhas e somos mui pouco illustrados para não ferverem entre nós os milagres. Confesso, porém, que o que ouço passa toda minha espectação, comquanto grande ella fosse, etc. »

Os leitores queiram ir notando que o vêzo de grandiloquas phrases brilha e inspira as hyperboles da rhetorica andradina.

Antonio Carlos as requinta no desenvolvimento do discurso; elle vergasta o costado do pobre sacerdote das alterosas montanhas de Ouro Preto a tal ponto, que o padre Muniz Tavares, deputado pernambucano, corta pela controversia do modo seguinte --- « acabemos com isso; deixemos questões infructuosas; não queiramos fomentar a desordem no principio dos nossos trabalhos (muitos apoiados). »

As hyperboles, porém, não são de fino e apurado gosto; as frioleiras proferidas pelo prebystero Dias não deviam ser guindadas á altura de portentos, nem este vocabulo pôde lhes ser applicado com propriedade. Não se comprehende como *fervem milagres*. Um milagre é um facto rarissimo, derogação da lei permanente da natureza; logo exclue a idéa de abundancia; é nesse sentido de quantidade, que o orador emprega o verbo --- o que realmente não passa dum dislate. Ainda se deve notar que os milagres não de-

pendem do Estado de mais, ou menos illustração: a alteração da lei natural tem outra causa efficiente, que a religião, por exemplo, attribue ao poder de Deus e a sciencia, ou explica, ou ignora; mas o orador, que devia saber dessas cousas, é um espirito altaneiro e desordenado, que ama as *palavras de penacho*, segundo Aristophanes já notava em oradores e escriptores gregos, que aliás não eram fecundos de idéas originaes, ou proprias.

«Eu, sr. presidente, estou persuadido que no systema constitucional não só se deve ser liberal, mas até prodigo de honras, glorias e esplendor para com o monarcha; só economico de poder --- poder quanto baste para o exacto desempenho das funcções, que lhe attribue a Constituição, e não de mais, que lhe facilite a oppressão dos outros poderes igualmente constituídos, mas gloria, mas apparatus, que inspire respeito, avizinhe-se á divindade.»

Deixando de parte a infantil theoria, que Antonio Carlos professava num Parlamento, que se reputa o representante da soberania nacional e no momento, em que a nação rompe o jugo secular da monarchia de direito divino, notemos que elle restabelece essa crença, ensinando que o *monarcha avizinhe-se á divindade*.

Elle arrogava-se a autoridade de leccionar os noviços politicos, que o escutavam convictos da supremacia do seu talento e deslumbrados pelas scintillações de sua sciencia. Mas, a fracção, verdadeiramente illustrada e de criterio, não deixava de sorrir, á socapa, vendo as estrepitosas ostentações das fanfarronadas de liberalismo e de irreflectida e humilhante idolatria monarchica.

O Imperador aprendia com taes mestres a continuar a crer que era o herdeiro e o representante da realza consagrada, no campo memoravel de Ourique, por milagrosa manifestação da Providencia Omnipotente. Antonio Carlos foi ao cumulo, considerando os ministros de modo que provocou a seguinte replica.

«Não deixarei passar nunca a idéa --- (falla o secretario França) --- a idéa de que os ministros secretarios de Estado sejam servos do Imperador: esta idéa é anti-constitucional e contraria aos principios do Direito Publico; que temos abraçado.

Os ministros, secretarios de Estado são grandes magistrados do poder executivo, responsaveis á nação pelo que obram em razão de seu officio, ou cargo, e não podem em tal qualidade ser considerados como servos do Imperador. Si este, pois, deve entrar na Assembléa acompanhado somente de seus creados principaes, não podem entrar neste cortejo os ministros secretarios de Estado.»

Assim rebatidos os frívolos conceitos do mestre, eis que Antonio Carlos precipita-se na tribuna e diz: --- «Pasma de não ser entendido, cuidei que fallei claro, mas enganei-me. Eu chamei e ainda chamo aos ministros de Estado --- servos do Imperador --- não do Imperador como individuo, mas do Imperador como poder politico...» --- Depois de fazer umas gongoricas distincções, conclue — «Sr. presidente, os agentes do poder executivo são servos, não do homem, mas da dignidade, mas da corôa; esta é a linguagem, de que se servem os livros inglezes e que nem os Hampdens, nem os Pym acharam derogatoria do character daquelles, a quem se applicava.»

O contraste, entre os dous oradores, é evidente. O criterio do secretario pulverisa a indigesta erudição, com que Antonio Carlos pretende fazer prevalecer a sua opinião e ainda ficou pulverisado irremessivelmente, quando Carneiro de Campos, tomando a palavra, expressou-se desta sorte. — «Sr. presidente, prescindindo da questão suscitada entre os dous illustres deputados, que ultimamente fallaram, se porventura os ministros de Estado se podem chamar servos da corôa: recorrerrei a outro principio para demonstrar que não devemos approvar o artigo do projecto, que os exclue da entrada nesta caza no solemne dia de sua installação. Os ministros de Estado, sr. presidente, verdadeiramente não são creados do Imperador, nem tambem officies de sua casa. Elles exercem um poder politico, são membros do poder executivo, este é um dos poderes soberanos e nesta qualidade não se lhe póde negar a entrada nesta augusta assembléa, quando se installa a representação nacional para exercer as augustas funcções do poder soberano de legislador. (Foi geralmente apoiado).»

Carneiro de Campos foi depois Marquez de Caravellas e ministro de Estado diversas vezes, senador do Imperio, regente com Vergueiro e o general Lima e Silva (Reg. Pro. de 7 de Abril). Era, talvez, o espirito mais culto nas sciencias politicas, administrativas e economicas no primeiro reinado. E' ainda o unico orador, cuja leitura é proveitosa. Não se póde deixar de admirar-lhe a erudição vasta, profunda e luminosa. Dos assumptos, que discute, mostra-se inteirado. Parece não ignorar o complexo das sciencias do Estadista e publicista no seu tempo. Não posso avalial-o, como orador parlamentar; falta-me um dos elementos — a palavra e o gesto, instrumentos poderosissimos da acção oratoria.

O que resta delle nos *Annaes*, dá-lhe jús ao primeiro logar no Parlamento Constituinte de 1823.

E' de crer que tivesse sido considerado digno de occupal-o pelo valor dos

seus discursos, pela importancia das questões, que soia illuminar com as luzes de sua sciencia. E' provavel que voltemos a estudar essa physionomia, na qual sobresahe a pallidez; na qual diviza-se o reflexo da meditação paciente e silenciosa do claustro de São Bento na Bahia, onde elle fez profissão de fé.

Si os leitores attentarem bem nos excerptos, que publicamos, poderão fazer uma idéa do que valia a Assembléa Constituinte de 1823. Poderão imaginar qual o typo do regimen representativo constitucional, regido segundo as superficiaes e frivolas theorias, expendidas por Antonio Carlos e pelas praticas administrativas de José Bonifacio, reputado — grande sabio --- quando, na verdade, não era mais do que um notavel naturalista, que não era orador, ou estadista, nem liberal e muito menos republicano (1).

Como homem de Estado, foi uma nullidade. Prova-o o desastre do seu ministerio, posto por terra *por uma mulher ignorante*, mas que se mostrou superior ao ministro em habilidade. Quando se pensa no modo, pelo qual *voou pelos ares* o primeiro ministerio do primeiro reinado, ao leve impulso do gracioso pé da M. de S., não se comprehende como se creou para José Bonifacio a nomeada de estadista e de sabio politico!...

Que idéa devemos fazer dum estadista, que governou de modo que cahiu vergonhosamente? De que quilate seria a sua proficiencia politica? Qual a penetração e a lucidez de sua intuição? Nada previu, nada evitou, nada acantelou; foi surpreendido e esmagado; representou o papel do capitão, que responde --- *não cuidei...*

Poderão attribuir o estrondoso desastre ás difficeis circumstancias do tempo; estas circumstancias, porém não devem ser invocadas, por que provam contra o ministro decahido. Ellas lhe eram muito favoraveis e o desastre não podia provir, sinão da ineptia do palinuro, que dirigia a náu do Estado.

Com a demissão do ministerio de 16 de Janeiro de 1822, foi dissolvida violentamente a Assembléa Constituinte, que, dirigida pelos Andradas, não teve a capacidade, nem o patriotismo de organizar o governo constitucional e representativo do paiz, que neste havia depositado a mais viva esperança e completa confiança.

Veremos, noutra occasião, como as circumstancias favoreciam a José Bonifacio, aquem faltaram somente a aptidão e a sciencia do governo.

Elle soffreu, por outros lados, as consequencias das praticas e das doutrinas, em que educou e largamente corrompeu a vontade prepotente e ar-

(1) Vide a carta de José Bonifacio contra os republicanos.

bitraria de Pedro I. Pode-se, esmerilhados e apurados os factos, duvidar si a intervenção de José Bonifacio foi benéfica, ou funesta á causa da liberdade, no primeiro periodo da fundação do regimen de governo constitucional e representativo no Brasil.

EUNAPIO DEIRÓ.

SCIENCIA E INDUSTRIA

DIÉTA DE SAL

Deve-se ao professor Ch. Richet e ao dr. Toulouse, a primazia na demonstração da acção precisa da hypochloruração, provando que era possível diminuir, na metade, a dose de bromureto de potassio, que jugula as crises dos epilepticos, supprimindo o sal adicionado e limitando a duas grammas, o sal dos alimentos, diéta que os doentes supportam sem esforço.

Essaulowe Kaupp verificaram que, supprimindo o sal, diminuia consideravelmente a albumina dos Albuminuricos; e os trabalhos mais recentes de Widal e Lemierre, de Widal e Javal demonstraram a admiravel acção da dechloruração nas nephrites, e sua influencia sobre a diminuição dos oedemas.

Na sessão de 10 de julho ultimo, na sociedade de biologia, elles apresentaram observações importantes.

Um primeiro brightico, ligeiramente oedematoso, foi alimentado, durante uma semana, com 400 grammas de pão, 300 de carne, 50 de batatas e 15 a 20 de sal. A albuminuria estava fixada de 9 a 10 grammas.

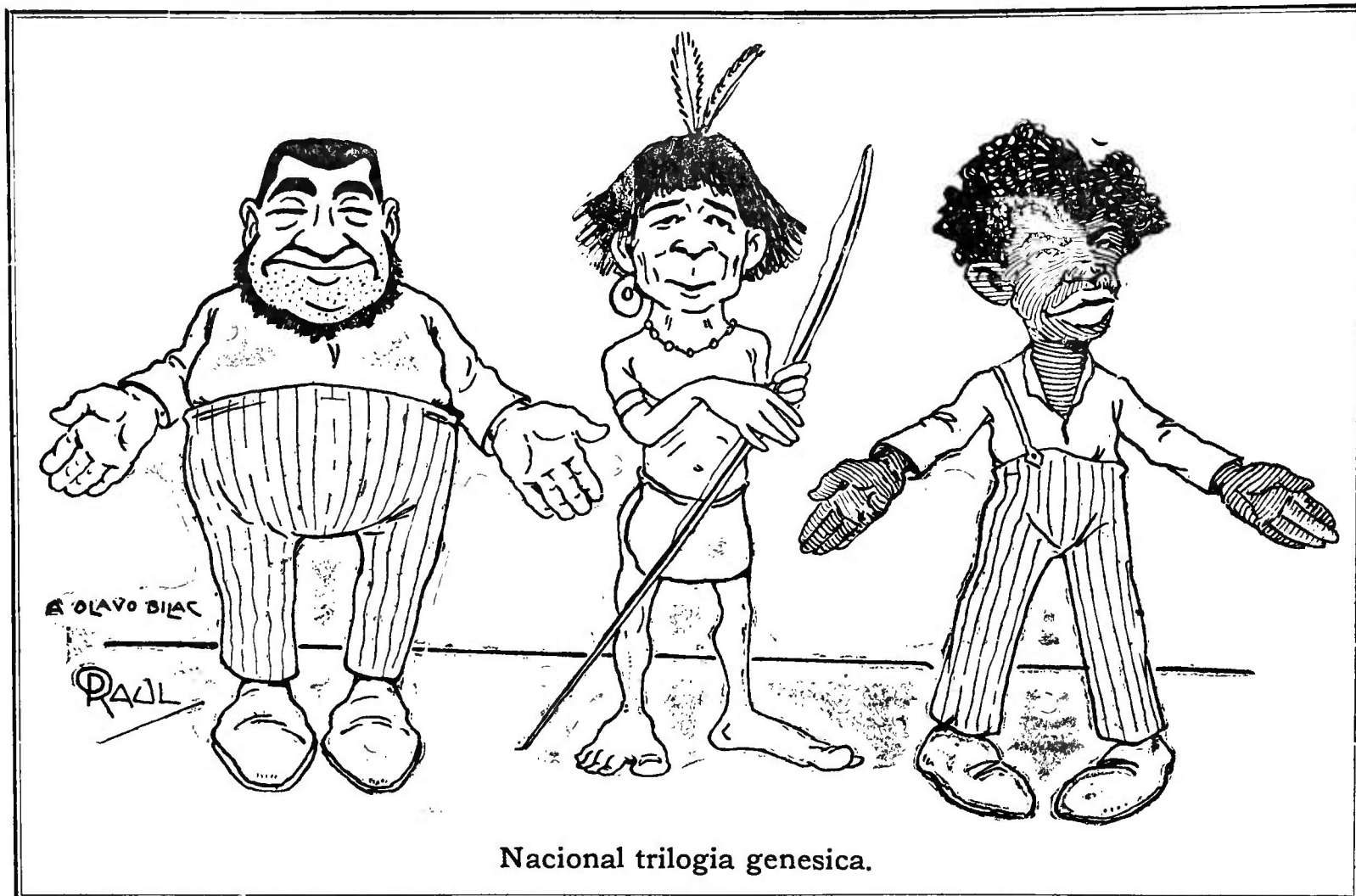
Depois, durante 28 dias, continuou o mesmo regimen com suppressão do sal. Ao cabo de 18 dias, a albuminuria caíra a 2 grammas. Administraram-lhe de novo o sal, e logo augmentou a albuminuria.

Um outro brightico comeu o que quiz, mas sem sal e sem leite: desapareceram os oedemas e a albumina se reduziu a uma gramma.

O terceiro doente, com albuminuria de quatro grammas, submettido ao regimen lacteo, foi entregue á nutricao commum do hospital com muito sal. Em consequencia, a albumina subiu a 13 grammas. Mudando para o regimen da suppressão de sal, a diminuição de albumina chegou a 150 grammas.

Em um doente atacado de nephrite diffusa com oedemas enormes, o regimen carneo, com dechloruração lhe fez perder em 17 dias, 37 kilos de oedema.

Outrora prescrevia-se, unicamente, leite aos brighticos, porque a observação demonstrava a efficacia desse genero de alimentação. O leite contem vestigios de sal, mas não era elle, e sim a dechloruração, que agia de modo



Nacional trilogia genesisica.

favoravel. O regimen debilitante do leite, os drs. Widal e Javal o provam. pode ser substituido pelo de carne, com tanto que se supprima o sal.

E, na verdade, curioso observar o effeito de pequenas quantidades de sal sobre os oedemas e a produçao de albumina. Ellas bastam para modificar as trocas osmoticas na economia.

Até hoje é o chlorureto de sodio o unico sal, cujo papel está bem estudado.

Os effeitos de desmineralisaçao do organismo em chlorureto somente foram conhecidos pelos physiologistas depois de 1899; entretanto, havia muito tempo, era utilizado empiricamente. O dr. Legrain notou que, entre os kabyilas e os israelitas da regiao de Bougia, se tratavam as molestias chronicas, sobretudo as inflamaçoes por uma cura de quarenta dias com tisanas de salsaparrilha, com dieta de sal. Um processo identico fôra observado pelo dr. Romary entre os indigenas do Djebel-Amour.

Entre os arabes, o tratamento iodurado de certas molestias é acompanhado de dieta de sal, durante quarenta dias, com muita efficacia.

Si assim é, e está confirmado aqui, no Rio de Janeiro, em varios casos da clinica dos drs. Chapot Prévost, Figueiredo Rodrigues, e outros, devemos attender muito á dose de sal, da qual abusamos, que tem grande influencia sobre a saude.

Parece horrivel a dieta de sal; tem se, porém, verificado que, vencida a repugnancia ao insulso nos primeiros dias, os doentes se habituam, facilmente, a ella.

*
* *

A PHOTOTHERAPIA

A 25 de Setembro ultimo, falleceu em Copenhague o professor Finsen, em plena maturidade promettedora de grandes conquistas scientificas.

Todo o mundo conhece o seu processo de cura pela luz. Observando a açao das cores sobre o organismo nervoso e epidermico, e acompanhando os estudos feitos em 1889 pelo professor Widmark sobre a açao inflamatória da luz ultravioleta sobre a pelle, Finsen aperfeioou os resultados até então obtidos, e inventou a phototherapia, interessante ramo da radiotherapia, a açao curativa da electricidade á distancia.

O facto não era novo: na idade média já se haviam comprovado certos effeitos das cores sobre os tecidos. Mais tarde, o rei Henrique VIII, atacado de variola, foi transportado para uma camara forrada de vermelho. Durante a guerra da independencia da America do Norte, observaram os medicos que prisioneiros, victimas daquela molestia e alojados accidentalmente numa adega, melhoraram consideravelmente, cessando logo a febre e seguindo-se melhoras que se attribuiram ao contraste das bruscas mudançãs de luz.

A theoria essencial do methodo de Finsen consiste, principalmente, na destruicao, por meio dos raios ultravioleta, das bacterias residentes na pelle. Elle obteve curas maravilhosas no tratamento do lupus, que é uma tuberculose da pelle; mas, os resultados parece estarem, em outras molestias, a quem das soluçoes definitivas. No cancro, por

exemplo, o tratamento pela luz, si bem que proporcione, no inicio, algumas melhoras, produz grande surperexcitacao dos germens; activa-lhes o trabalho funesto e precipita o processo destruidor.

Finsen recebeu, a 10 de dezembro do anno passado, o premio Nobel.

O THEATRO

A sala de espectaculos do *Coliseu* está que é uma belleza. O *Damaso*, dos *Maias*, chamar-lhe-ia *chic*. E está *chic* mesmo. Tudo é novo, limpo, alegre, sorridente, e porque não havemos de dizer primavera? E o tom claro da pintura chega a dar-lhe um ar catita e fresco, uma certa faceirice que apraz aos olhos.

Mas, tu, publico de minh'alma, querias mais do que isso? Querias naturalmente que, por estar o theatro assim, te apparecessem no palco ahi uma meia duzia de Carusos e de Pattis, que guélassem a noite inteira uns trechos de musica que te agradam?! Querias tambem que o livro das *Mil e uma noites* se escancarasse em scena, para que visses mais de perto a belleza triumphal das fadas do livro? E's exigente de mais. Olha, fadas só existem na Arabia, e assim mesmo nos contos. Carusos, Pattis, dou-te um

queijo se, por todo esse mundão afóra, me arranjas para cá uns quatro pares desse pessoal.

Contenta-te com pouco para poderes anciar muito.

Triste de mim, triste de ti, se a felicidade (não sou da opinião do sr. Fonseca Moreira a respeito de felicidade) fosse completa. No meu entender, muitas vezes a infelicidade é uma felicidade.

Queres um exemplo? Eu não me nego nunca aos exemplos. E' a maneira mais mathematica de positivar as coisas. Aquelle poeta que tu estimas faz, de vez em quando, uns bons versos. Mas é um estroina; vive nas tascas, bebe paraty, embebeda-se, não tem poiso certo, dorme na rua e não tem papel para escrever.

Mas tu, quando o mostras aos teus amigos, o achas extraordinario; mas acrescentas que seria o primeiro poeta da terra, se não fosse a vida desbussolada que elle leva.

Esse *se não fosse*, ao mesmo tempo que resume a infelicidade do teu vate, é uma felicidade para ti e a mais frontente glorificação do poeta.

Eu me explico. Calcula que um dia o bardo abandonasse o copo, regulasse a vida, mas continuasse a escrever alexandrinos do mesmo peso que escrevia dantes, na *chuva*. Olha agora tu no aperto, envergonhado, desilludido, tu que o achavas o primeiro tangedor de lyra *se não fosse* a estroinice. A tua felicidade consiste em poderes achar sempre o teu amigo grande coisa. E, como sabes, ha por aqui e por lá muita gente que é grande artista á custa do *se não fosse*.

Mas não é até ahí que quero chegar. Quero mostrar-te que, quando se sacia um desejo, se mata uma felicidade.

Prova-se isso com a mesma facilidade com que se fuma um cigarro. Queres ver? Quando eu era pequeno tinha uma vontade brutal de ter um velocipede. Tive um e dos bons, dos de luxo.

Sabes o que se deu? Vou dizer-t'o: aborreci-o em poucos dias.

Tinha tambem vontade de possuir mil contos de reis. Tenho suado em bicas e nem por um occulo os vi até hoje. Pois até hoje ainda os desejo.

Assim é tudo na vida. Se a empreza Seguin mandasse buscar uma companhia de primeira ordem, tu, publico de minh'alma, ficarias com as medidas cheias e acabou-se! quando viesse uma outra, estarias enjôado, terrivelmente enjôado como eu enjôei o velocipede.

No emtanto estás agora appetecendo uma bôa zarzuela, como eu os mil contos.

Além disso os srs. Seguin não podiam dar duas coisas ao mesmo tempo.

Deram-nos só theatro esplendido.

Vocês conhecem aquelle typo que foi pedir dois favores a um amigo?--- Um ---é que lhe emprestasse 100 mil réis --- outro é que não dissesse nada a ninguem.

Sabes o que o outro respondeu? --- Dois favores ao mesmo tempo é muita coisa. Olha, faço-te um: não digo nada a ninguem.

Os srs. Seguin não poderam dar companhia e theatro. Paciencia. E sou capaz de jurar que a vontade delles era que a sra. Gruas fosse um pouco mais nova, tivesse menos gordura e mais frescor no rosto.

Mas quem pode lá com a idade? Já ouvi muitos velhos dizerem que a idade tudo transforma. Transformou a sra. Gruas. Mas, assim mesmo, a primadona tem muitas vezes na voz modulações bem frescas, bem macias, embora a sua garganta não chegue a encantar. Seria melhor (todos nós estamos de accordo) que ella (a prima) fosse mais magra, mais flexivel, mais nova, cantasse melhor, mas tambem havemos de concordar que isso não é culpa della. Os srs. Seguin têm culpa que a sra. Perez Carmen seja uma artista pesada, gordissima e que abra desmedida e teiamente a bocca quando arranca lá de dentro uma nota forte? Acho que não. Se a sra. Perez pudesse, ella propria é que faria esforço para nos deslumbrar. Mas, nem sempre a força de vontade consegue tudo.

O tenor Barella, por seu gosto proprio, teria aquella voz tão exquesita? E' verdade! a voz do sr. Barella! Põe a gente na alhada. Parece que o tenor canta de fóra para dentro.

Apezar disso, de vez em quando, pode ser ouvido. Tem momentos em que irrita, ou pelo menos causa uma certa estranheza, mas torna-se, ás vezes, aproveitavel. Nas duas primeiras noites não foi de todo feliz, mas já na *Campañone* mostrou-se melhor, principalmente no terceiro acto. Nas outras récitas tem ido regularmente.

E' o que se tem dado quasi com todos os artistas, ou, melhor, com todos. As duas primeiras noites (justiça lhes seja feita) não andaram muito para que se lhes diga, mas da terceira em diante criaram mais animo. A segunda representação, então, foi de um caiporismo brutal para o machinista. Os pannos se tornaram impertinentes, ora não querendo subir, ora não querendo descer senão á força de insistencias. Os actores tambem ainda não estreitaram relações com as cabelleiras que trazem em scena.

Estas têm caido descerimoniosamente quando o actor finge ou dá de verdade um tombo, e, o que é peor ainda, tornam-se traquinas na cabeça dos artistas de forma que elles são forçados, no meio de uma aria bonita, a fazer gestos pouco bonitos para concertal-as.

Um cantor que poderá vir a ser um bom baritono é o sr. Garrido. E' moço e pode estudar. Por ora... serve em falta de outro.

Os srs. Segura e Vieira tem feito muita gente rir.

A festa do sr. João Luso, no S. José, apesar de ter sido numa segunda-feira, foi uma bôa festa. Sabem porque? Porque se tratava de um querido nosso, de um rapaz que se fez querido á sua custa, que se fez admirado pelo seu talento.

Começou como começam poucos, conseguiu o que poucos conseguem. Começou impondo um pseudonimo, uma alcunha para a lucta, e terminou por elle proprio ter esquecido talvez o seu proprio nome. Um pseudonimo só cria viço, só se enrama, só se enrobusta quando ou é um bôbo que o estruma para a gente rir, ou é um artista que o planta para se acatar. João Luso obrigou-nos a acatal-o. E' um senhor muito feliz na vida. Até mesmo tem ao seu serviço sympathias que se não explicam facilmente.

Mas, é que acima desse nome, firmado pelo dono desse nome, clareia uma intelligencia ardente, enroupada de vontade, uma intelligencia de escriptor que sabe escrever.

Assomou com os *Contos de minha terra*, subiu depois a escadaria do velho orgão e quando nos appareceu á janella, trazia a obrigação das *Dominicaes*. Ninguem mais lhe quiz saber o nome; a alcunha ficou. Depois, fez a *Prosa*. A alcunha enraizou.

Agora, eil-o no theatro, traduzindo, escrevendo.

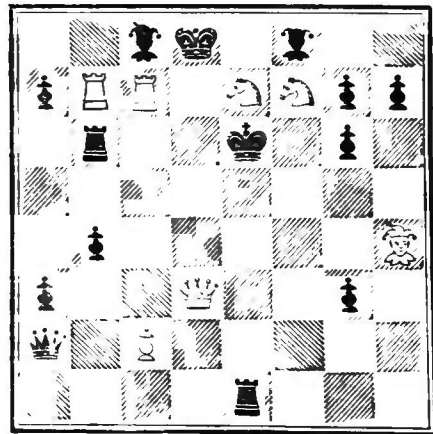
O *Remorso de Armando*, dito tão bem pelo sr. Grijó e pela sra. Maria Falcão, melhor por esta, mostrou quanto um assumpto banal é capaz de tomar volume em sua penna.

A traducção da admiravel *Passerelle* fel-a admiravelmente.

JUSTUS JUNIUS

DIVERSÕES

Problema N. 3



As brancas jogam e dão cheque em dois movimentos.

O ALMIRANTE (4)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

CAPITULO II

A incompatibilidade dos dois se accentuou irtolerante desde o dia em que Oscar, andando a caçar *colleiros* pela montanha, lá de cima do penhasco, surprehendeu Gião, profanando o Paraizo em amoroso colloquio com uma retinta e bella creoulinha, que era a mais estimada mucama da marquezia.

--- Ahi, seu Gião! --- gritara o rapaz --- Deixe estar que vou contar á madrinha essa pouca vergonha...

Apanhado em flagrante, o feitor, que era nesse tempo um latagão robusto como um touro, desmanchou-se numa cobardia miseravel; alinhavou explicações absurdas; e, humilhado, quasi a estoirar em pranto, invocou os sentimentos generosos do Oscar-sinho que, como um menino de juizo, não iria contar semelhantes coisas á tôa, somente para fazer um escandalo inutile prejudicar uma creatura pobre, desmanchar-lhe, cruelmente, o meio de vida. Depois de muitos rogos, lamurias e promessas, o rapaz acquiesceu em guardar o lobrego segredo daquella tentativa de peccado original, com a condição de não serem castigados os moleques. E assim ficou o homem subjugado. A' mais ligeira quebra das condições estabelecidas, Oscar lembrava o Paraizo, e Gião se continha retrahido numa constricção de odio impotente, remordido pela galhofa do fedelho que o trazia, como um boi, de argola ás fustas, incapaz de reagir, porque estaria cortada a sua carreira, perderia a confiança conquistada com tantos sacrificios; seria exilado áquella casa, que era o ninho de suas aspirações. Mas, tanto elle minou num trabalho paciente de formiga infatigavel, para se libertar da obsessão da testemunha da sua falta, que convenceu o marquez da necessidade de afastar o rapaz daquelle centro de seducção, de máos exemplos: o contacto de raparigas que erão um visgo para os seus verdes annos.

Foi preciso empregar um tenaz processo de manhas, alcochoadas de suaves caricias, encarecer a necessidade de começar a formação do Oscar antes de lhe despontar o buço, para que a formozza marquez consentisse no sacrificio de o internar na escola de marinha.

Ella resistiu; chorou copiosamente;

lamentou o lhe roubarem a consolação, a alegria de casa; e quasi desfalleceu numa agonia dilacerante, quando lh'o arrancaram dos braços.

Gião, fiel ao seu odio e aos deveres de servidor abnegado, insinuava ao marquez o que corria á bocca pequena sobre a procedencia de Oscar, historias inverosimeis e absurdas, que as mucamas levaram das alcovas para as cópas e nutriam a protervia da baixa maledicencia. Dizia-se que elle era filho do marquez; outros, ponderando que de tal mameluco não poderia rebentar a quelle bello e vigoroso galho, achavam mais razoavel aceitar a versão calumniosa de um peccadilho da bella Guilhermina, anterior ao casamento, caridosamente perdoado pelo contrapezo dos seus milhões e velado pela innocente farça da tutoria. O proprio marquez surprehendera rumores indiscretos, alluzões ferinas dessa ironia tolerada e elegante, que ás vezes penetra, suavemente, nos mais sagrados recessos, mexericando coisas intimas, suscitando magoas esquecidas ou arranhando feridas mal cicatrisadas. E, á proporção que se expandia o circulo de suas relações, que augmentavam os amigos, a figura de Oscar se destacava entre elle e a esposa como um estranho, um ponto de interrupção onde se accumulava uma porção aos affectos, que constituam o thesouro do seu egoismo de homem apaixonado.

O afastamento do rapaz foi, portanto, uma resolução vantajosa para todos: para a marquezia, que ficava desembaraçada para cultivar com mais assiduidade as suas relações; para o marquez que removia um obstaculo e principalmente para Oscar que encetava a conquista de uma profissão honrosa.

O tempo venceu a protervia e o esplendor da casa dos Uberabas desdoubrou de intensidade captivante. Nem mesmo quando os primeiros galões do jovem marinheiro, ganhos em brilhante curso, foram celebrados com um baile deslumbrante, occorreu a exhumação dos enfezados episodios do romance que secretos espinhos cravara na alma rija do marquez, que sorria, complacente e tocado de orgulho, pela victoria do pupillo, obra do seu zelo, do seu esforço em violentar a excessiva ternura da esposa para fazer delle um homem util á patria e á sociedade. Com o fino tacto de fariscador de diamantes e conhecedor de homens, elle adivinhara naquella creatura, abandonada aos azares da vida, a faisca de uma intelligencia, que, cuidadosamente lapidada, seria um foco de luz. E fôra elle o lapidario daquelle precioso cascalho, que a sorte lhe deparara á borda de um tumulo.

Annos depois, num dia de verão, os pretos ouviram gritos lancinantes que

partiam do Paraizo. Accorreram presurosos e espantados a ver o que acontecera no recatado sitio, cheio de sombras, perfumes e murmurios, consagrado ao repouso e á meditação. Estacaram indecisos ante o anjo ameaçador; mas, animados pela afouteza de Gião e porque recrudesciam mais pungentes, mais doloridos os brados de angustia, infringiram o preceito, invadindo o cerrado de ipés e jácarandás. Lá dentro, sobre um dos bancos de alvenaria, encontraram o marquez morto nos braços da esposa, louca de dor: rebentara de uma apoplexia em pleno vigor dos seus bem vividos setenta annos.

Oscar, promovido a segundo tenente, estava a bordo da corveta *Nictheroy* em viagem de circumnavegação: não havia em torno da viuva inconsolavel um parente que partilhasse da grande magoa, ajudasse a conduzir essa tremenda carga do luto, os pesados e finissimos crêpes a emoldurarem na penumbra de nuvens sombrias e pondo em destaque macilento, o rosto moreno, as formas de correcta solidez triumphantes aos assaltos do tempo e dos dissabores.

Passados os funeraes pomposos, ella confiou ao dr. Souza e Mello a execução do testamento do marido, cuja meiação em titulos e dinheiros fôra quasi toda destribuida em generosos legados ás instituições humanitarias de S. Paulo, de Minas Geraes e da Côrte. A Oscar coube uma deixa de duzentos contos, além de um elegante pavilhão construido em uma das extremidades da vasta chacara para sua residencia. Gião foi tambem legatario de uns vinte contos, uma ninharia, uma decepção, como recompensa aos seus leaes serviços e á faina de aturar, durante tantos annos, um patrão daquelles, violento e bruto. Emfim, poderia ser peor. Outros conhecera mais perversos e mais ingratos. Deus lhe falasse nalma.

Terminado o inventario, a marquezia deixou a Côrte, levando para uma fazenda de Minas, como funebre sequito, as creoulas, as mulatas, os pretos mais queridos e crias de casa, trajando rigoroso luto.

O palacio ficou fechado, entregue a um casal de negros velhos. Grama, hervas damninhas, a vegetação desoladora do abandono invadiram as alamedas e tentavam trepar pelas paredes; o pomar cobriu-se de parasitas; a tiririca esterilizou os canteiros; as rozeiras, afogadas pela vegetação selvagem, esgalharam desgrenhadas e morreram; oxidaram-se as grades de ferro; e o colossal portão senhorial, gemia lamentoso nos gonzos pêrros. A vereda do Paraizo desapareceu num emaranhado de cipós. Cardos e héras enleiraram, numa exuberancia de conquista irreverente, a estatua do anjo ameaçador.

CAPITULO III

A marquezinha tinha horror á roça, que lhe recordava a infancia obscura, donde surgira para brilhar como os diamantes, que o pae pescava de mergulho nos peraus profundos. Não se coadunava com o seu sangue abrasado, com os seus nervos vibrantes, o exilio das relações sociaes, a privação dos contactos honrosos, que desmancham arestas e pulem asperas aos provenientes das zonas baixas, das estratificações confusas do anonymato humano, alçados de improviso ás regiões culminantes. Ella não podia mais prescindir das exhibições apparatusas da sua formosura empolgante, no esplendor de pedrarias, de estôfas preciosas, como um astro, na sua photosphera, entre constellações humilhadas. Gostava do ruido, do imprevisto, do movimento, do accidente, de tudo quanto quebrasse a monotonia da existencia, como se pretendesse compensar, com o abalo violento de commoções fortes e continuas, o longo periodo de quietação, de placidez scismadora, de extases divinos no inconsciente anelo do desconhecido, de ascender para o céo, agitando no ether luminoso as azas pandas, como as dos anjos que ella via pintados, entre nuvens irisadas nos paineis da capella do convento. No dia em que lhe abriram as portas do triste encerro, ella fugiu pressurosa e contente, dedicada ao homem que a libertara.

A Côrte, que ella sonhava um fóco de elegancia, de primazias de intelligencia e de gosto, foi uma decepção: era uma culminancia desolada e arida como os picos das altissimas montanhas. As raras solemnidades officiaes não tinham esplendor; não havia alli, no vasto palacio, desgracioso, feito a pedaços de informes edificios quadrados, ruido, nem festas, nem uma nota de alegria, mesmo dessas expansões venturosas que enfloram os lares burguezes, porque era habitado por um casal heterogeneo, incompativel pelo temperamento e pelas tendencias: o Imperador, um melancolico, um dispeptico mental, empanzinado de desordenada sciencia e oberado, como elle confessava, ingenuamente, ao pezo dos máus governos; a Imperatriz, matrona virtuosissima de uma simplicidade vulgar, não pudera readquirir com a corôa de um grande imperio o apagado brilho da sua dynastia decahida, nem perdera os habitos de rispidez patriarchal, de severa poupança, de miudo zelo na administração de seus haveres. Faltava áquelle lar os liames dos affectos: era uma repartição do estado na qual os regios esposos viviam, como funcionarios, cumprindo, á risca, os seus deveres, encerrados no lusco fusco de uma pragmatica estreita e curta. Em torno

delles uma caterva de velhos, de senhoras desgraciosas, modelados pelos habitos do Imperador, de serviçaes bisonhos, mal trajados, girava de manso e silenciosa, como numa casa de gente enferma --- todos tristes, de tristeza contagiosa e oppressiva, que penetrou, como um sopro gelado, o coração de Guilhermina — então simples baroneza — quando fez a primeira visita ao paço de S. Christovão.

A commoção que lhe apertava a alma se desfez em colapso quando se achou deante do Imperador, alto, louro, cortada a pelle de setim do rosto sereno por traços de fadiga, o corpo exuberante mettido numa sobrecasaca mal feita, abotoada errado e maculada por velhos pingos de canja de gallinha, que era o seu manjar favorito. Ella não pôde conter um movimento de surpresa ao ouvir esguichar dos labios do colosso uma vozinha fahosa e artificial, como a dos bonecos de *marionnettes*, modulando rapidamente phrases banaes de quem despacha visitas importunas e perguntando-lhe se queria ver a Imperatriz, que estava no proximo salão, vestida de preto, sem um adorno, sem joias, com um sorriso perenne dilatando-lhe o semblante emaciado, e sem expressão os pequeninos olhos de azul desmaiado.

Naquelle meio de simplicidade burqueza, o rico traje de Guilhermina, as suas profusas joias produziam o escandaloso contraste da nota vibrante de uma canção entre as harmonias surdas de uma prece.

Não sabia porque o Paço lhe recordava o convento. Sentindo-se estranha áquelle ambiente oppressivo, ella desafogou da atroz decepção chegando a d. Eugenia, cujo marido estava de serviço naquella tarde, embocado num uniforme sovado, tendo nos galões oxidados o attestado de longos annos de dedicados e leaes serviços á casa imperial.

Disse-lhe, então, d. Eugenia que o Imperador não gostava de festas; detestava o barulho mesmo quando acordava as ondas atmosphericas na forma de palavra ou de musica. Por isso, não podia resistir ao somno no theatro ou nas conferencias da Gloria. O emprego do tempo era a sua grande senão unica preocupação. Andava por toda a parte correndo infatigavel, via tudo de um golpe de vista, passava, entrava e saía como um perseguido pela idéa fixa de voltar logo ao gabinete de trabalho e entregar-se ao seu entranhado amor ás sciencias e ás letras. Naquelle dia, o Antonico estivera toda a manhã encerrado nos aposentos do Imperador, um pandemonio de desarrumação e desordem, juncado de livros atirados a esmo — aqui um volume das *Mil e Uma Noites* em hebraico, além um maço de revistas in-

tactas, um poema catalão traduzido entre as linhas impressas, um tratado de mechanica, o *Principe* de Machiavel, as *Estrellas*, do padre Secchi... e sobre um consólo o chapéo de pello cheio de petições e memoriaes.

O Imperador era um desordenado generoso como o pai, mas não herdara delle o traço cavalheiresco, a gotta do sangue de Nun'Alvares misturado ao sangue burguez dos Braganças: era todo allemão, nebuloso e frio, quasi indifferente, reduzindo as suas expansões affectuosas á herdeira do throno e aos netos, filhos da extincta princeza Leopoldina, principalmente dom Pedro, que era o seu retracto em miniatura. Erão muito tocantes os seus encontros com a filha idolatrada: abraçavam-se, beijavam-se commovidos como dois humildes mortaes numa exaltação de ternura.

— Isto --- continuou d. Eugenia --- é uma côrte que mais parece um convento: aqui não ha pompa, não ha bailes, não entra a alegria.

— Dizem que a Imperatriz --- observou Guilhermina --- é muito ciumenta...

— Ciumes não de mulher, mas de princeza zelosa de suas prerogativas. As recepções são, como está vendo, minha querida, um desfilar monótono de figuras que a veneração entristece, um cordão de políticos, de pretendentes e de pessoas que vêm, religiosamente, por devoção ou por habito, visitar Suas Magestades uma vez por semana, como quem vae á missa conventual aos domingos e dias de guarda. Eu, que adoro o meu querido monarcha, que o considero a garantia do futuro da patria acho que esta côrte não é côrte: falta-lhe o fausto que seduz e deslumbra e é o esplendor do culto civico. A purpura da realeza com os papos de tucano somente apparece em raros dias de gala, desbotada e amarrotada como um facho tirado da mala. O Imperador não cuida de si, nem de sua casa. Faz vista grossa ás bandalheiras, aos desvios de dinheiro, para evitar escandalos. Não se lhe importa de prover ás cavallariças, de substituir carruagens desmanteladas, de vestir os lacaios que, ás vezes, mettem vergonha, tão mal amanhados andam. E gasta um dinheiro surdo, que não apparece, nas despezas dos palacios Guanabara e Duque de Saxe, as quaes saem integralmente do seu bolsinho sem regatear, porque não examina contas, approva-as todas sem hesitações; esbanja como um prodigo em esmolos, em dadivas de insensato. Não sabe dizer — não; e por isso o exploram miseravelmente. Ora, eu não queria que elle se rodeasse de um fausto desmarcado, nem que continuasse uma côrte escandalosa como a do pae — Deus me perdôe — mas essa penumbra de tristeza desordenada em que vive, prejudica o prestigio da dynastia. Ah! minha que-

rida baroneza, não pode imaginar como me irrita a preocupação do Imperador de ser visto pelo estrangeiro; não me contendo quando leio em livro de escriptores que, de passagem pelo Brazil, o visitam, que o Imperador é o monarcha mais democrata do mundo, um monarcha burguez, um sabio que mais aprecia a aristocracia do talento que a do sangue, um Marco Aurelio, e outras banalidades que, ao meu ver, lhe apoucam o prestigio. Um rei é um rei: não se deve rebaixar ao nível dos simples cidadãos. Não concorda commigo?—

(Continúa.)

VARIANTES VOCABULARES

Qual das duas fórmulas — *flecha* e *frecha*, *cobarde* e *covarde* — é a preferível? Na penna dos escriptores e, não raro, na do mesmo escriptor uma e outra se encontram: nem ha para tal opção um criterio verdadeiro, firme e seguro. Se a indecisão das fórmulas vocabulares já foi enormissima noutros periodos da lingua, hoje não se póde dizer pequeno o numero de fórmulas duplas com a mesma funcção. Uma fixação completa de fórmulas não é possível — escreveu o illustradissimo filologo Adolfo Coelho. Diz-se e escreve-se: *vae* e *vai*, *pae* e *pai*, *céo* e *céu*, *c gual* e *igual*, *idade* e *idade*, *juncto* e *junto*, *dicto* e *dito*, *sancto* e *santo*, *ideia* e *idéa*, *construes* e *constróes*, *louro* e *loiro*, *touro* e *toiro*, *doudo* e *doido*, *cousa* e *coisa*, *thesouro* e *thesoiro*, *couro* e *coiro* e assim por diante. São tudo variantes realmente licitas. Escrevo — diz Almeida-Garrett, numa das notas ao seu sempre formoso poema *Camões* — escrevo desvairadamente *noute* e *noite*, *ouro* e *oiro*, *roxô*, *rouxo* e *roixo* e semelhantes, não só por conservar esses ricos fóros da lingua, mas porque nesta variedade a poesia, e até a mesma prosa, ganham muita euphonia e belleza. —

Ambas as fórmulas — *flecha* e *frecha* — se explicam por serem *l* e *r* consoantes linguaes, o que vale dizer que são *homorganicas*, isto é, produzidas pelo mesmo organo. E sendo assim, é natural a permuta entre ellas. O *r* é uma letra notavelmente aspera: as creanças a enunciam a custo. Ha pessoas até, que nunca jamais conseguem vencer essa difficuldade nativa, e não tendo lingua habil para vibrar o *r*, mudam-no em *l*, como se lê de Demosthenes e Alcibiades. A este vicio de pronuncia chama-se *lambdacismo*, nome tirado de *lambda*, que é o *l* no alfabeto Grego.

Na trasladação de muitos vocabulos do latim para o portuguez, ve-

mos ora o *r* trocar-se em *l* como *parabola*, palavra, ora o *l* mudar-se em *r*, como *lilium*, lirio, *blandus*, brando, *clavus*, cravo, *plena*, preia: a *preiamar*, sendo a palavra *mar* feminina em portuguez archaico, como ainda o é no francez — *la mer*: tornou-se masculina, subsistindo apenas com o antigo genero nos vocabulos compostos a *preiamar*, a *baixamar*. *Preia* e *baixa* são originariamente fórmulas femininas de adjectivos, concordadas com o substantivo *mar* (1) Na lingua antiga, mui frequente coisa era a troca do *l* em *r*.

Dizia-se pervertendo as letras: *fror*, *groria*, *grosa*, *cramar*, *cremencia*, *craro*, *ingrez*, *framengo*, *prantar*. Havia as

(1) Nem sempre o genero d'hoje em dia é o genero que os vocabulos tiveram outr'ora. *Arvore* já foi masc.: o *arvore*, e, como *mar*, *fim* já foi feminino. Lê-se a paginas 173, cap. IV, d'*A Corja* do genial Camillo: «E vae o Fistula coriscou-lhe taes ameaças no olhar, que a mulher ficou estarecida, emmudeceu de pavor e disse depois ao irmão: — Cuidei que era a minha *fim*. Mas, se elle me batesse, eu dava-lhe cabo da casta.» Isto dizia ao barão do Rabaçal sua mana Felicia, que do leito do conego Justino, com quem vivia abarregada, se passára para o do José Macario, depois de abençoados pela santa madre igreja catholica. O mano barão, que era em tudo uma descompassada bêsta, não sabia nada do mysterio do genero das palavras, e — diz Camillo Castello Branco — emendou na phrase de Felicia o adjectivo articular em concordancia com o substantivo masculino. Elle coitado! não conhecia a nota de Garrett a estes dois versos do «Bernal Francez», tomo II do *Romanceiro*, pag. 140:

Conta-lhe os nossos amores,
Que aprenda na minha *fim*.

O povo — observa Almeida Garrett — o povo á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a toa. *Fim*, como alvo, objecto, etc., é sempre masculino; como termo, acabamento da vida ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

Ainda hoje teem genero incerto os nomes *gramma*, *trama*, *personagem* e talvez algum outro. *Ambiguos* chamam os grammaticos a taes substantivos, pois se usam já como masculinos, já como femininos, sem que esta variedade corresponda á do sexo, de que geralmente carecem. Quanto a *personagem*, bem se pudera dizer *o* ou *a* *personagem* segundo nos referissemos a um homem ou a uma mulher. Mas não succede assim, pois se diz *a* *personagem* indifferentemente, sem attenção ao sexo da pessoa. Herculano alludindo a um elegante par que ia entrando numa igreja — um taful e uma senhora — escreveu (*Lendas e Narrativas*, t. 2º, O parcho da aldeia, VII, pag. 236): «Percebeu logo que os saloios estavam de embirração com as duas *personagens* *cortezans*...» Se *personagem* devêra assumir o genero do termo a que se refere, tomára aqui o masculino e não o feminino porque, nos conflictos entre os generos, é o masculino, como genero forte, que triumphava sobre o feminino que é o genero fraco. Assim é que se diz, por exemplo *meus sogros*, fallando-se do *sogro* e da *sogra*, *meus filhos*, fallando-se de *filhos* e de *filhas*, *meus paes*, fallando-se do *pae* e da *mãe*. Assim é tambem que na concordancia do adjectivo com substantivos de genero diverso, é o masculino que determina a concordancia.

fórmulas *prantar* e *chantar* (1) mas succedeu, como diz o doutissimo professor João Ribeiro, que esses typos populares foram vencidos pela forma erudita *plantar*...

Se taes fórmulas se acham hoje totalmente banidas, como folhas seccas que caíram da arvore da lingua, succedendo outras em seu lugar (esta successão de vocabulos o poeta romano a comparava ás folhas das arvores, donde cahindo umas, vêm logo outras substituí-las); se *fror*, *groria*, *sembrante*, *simprez*, *suppricar*, etc., são, dizemos, fórmulas que prescreveram, — palavras ha, no estado actual da lingua, que podemos escrever com *l* ou *r*, se quizermos: *clina* e *crina*, *flauta* e *frauta*, *floco* e *froco*, *neblina* e *nebrina*, *flecha* e *frecha*, *aluguel* e *aluguer*, *patamal* e *patamar* etc.

«D. Inigo e seu pae, o velho senhor de Biscaia, passam as portas de Toledo com a rapidez da *frecha*.» (Herc. — *Lendas e narrativas*, tom. 2º, A dama pé de cabra p. 46.)

«Baralham-se as extensas fileiras: cruzam-nas espantados os ginetes sem donps, nitrindo de terror e de cólera, com as *crinas* eriçadas e respirando um alento fumegante.» (Idem — *Eurico*, X, p. 97.)

«Um guerreiro, cuja barba crespa e cerrada lhe cahia como *frócos* de neve sobre os anneis dourados do saio de malha, estava assentado á direita de Juliano.» (Id. — *ibid*, XIV, p. 185.)

«E até foi necessario esmolar-lhe o enterro, e vender a livraria para pagar o *aluguer* da casa.» (Camillo — *Vingança*, c. 4. p. 40.)

«Voltou aceleradamente ao seu quarto, e vestiu-se, enquanto a creada chamava Thomazinha do *patamal* da escada.» (Idem — *Novellas do Minho*, V, *O filho natural*, 1ª parte, p. 23.)

«José Macario sahiu allucinado d'aquelle baile. A *nebrina* do Douro, de madrugada, refrigerou-lhe a testa vulcanizada de amor, de nevroses lascivas, de ciumes, de raivas.» (Idem — *A corja*, c. 4, p. 169.)

* *

Quanto a *cobarde* e *covarde*, tambem indifferentemente se escreve *dum* e doutro modo. *B* e *v* são letras entre si mui chegadas; são *homorganicas*, *labiaes*. Substituem-se reciprocamente.

(1) *Chantar* — escreve o esclarecido filologo dr. Silvio de Almeida, nome brilhante no magisterio da capital paulista — concorreu por muito tempo com outra forma popular, — *prantar*; e persistiu literaria até o seculo XVI, encontrando-se na carta de Caminha a elrei d. Manoel (*O antigo vernaculo*, commentario á *Canção do Figueiral*.)

Alexandre Herculano, nas *Lendas e Narrativas*, tomo 1º, A abobada, III, pag. 254, revive a forma *chantar*: «O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros e o fallar não sei de que feiticeiro tudo me induz a crer que o demonio se *chantou* naquelle miseravel corpo, como vós aventaes.»

Vaginam, vesica deram, em nossa linguagem, baihna e bexiga, e *caballum, nubem, dubitare, probare, fabam, trabem* deram cavallo, nuvem, duvidar, provar, fava, trave.

Propria dos filhos da mais formosa das provincias do reino---o Minho, o jardim de Portugal---é a troca do *b* pelo *v* e vice-versa. Já isto notava, no seculo de quinhentos, o licenciado Duarte Nunes do Lião. « O que muito mais se vê--- diz elle na sua *Ortografia* --- nos Gallegos e em alguns portuguezes d'entre-Douro e Minho, que por *vós* e *vosso*, dizem *bós* e *bosso*, e por *vida*, dizem *bida*. E quase todos os nomes, em que ha *u* consoante, mudam em *b*. E como se fizessem ás avessas, os que nós pronunciamos por *b*, pronunciam elles por *u*. »

Os minhotos letrados talvez se riam quando o gentio analfabeto diz *binho, bento*, em lugar de *vinho, vento*. Não sabem, porém, máo grado a excellencia de suas letras, que se diz e escreve em bom portuguez: *cobarde* e *covarde, taberna* e *taverna, bespa* e *vespa, abestrux* e *avestrux, labareda* e *lavareda, esbelto* e *esvelto, sobaco* e *souaco, barrer* e *varrer, bassoura* e *vassoura, baranda* e *varanda, assobiar* e *assoviar*. (1)

«O conde não excedia a estatura ordinaria, mas *esbelto* e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos.» (Rebello da Silva—*Contos e lendas*, Ultima corrida de toiros em Salvaterra, p. 176.)

«Julia retrocedeu aos jubilos da infancia quando as fórmas lhe sahiam *esveltas* e desenvolvidas juvenilmente.» (Camillo—*A doida do Candal*, c. 35, p. 256).

«Lancemos a vista por aquelle cahos horribilissimo, aquelle carcere subterraneo e profundissimo, aquella fornalha toda accessa, e ondeando em *labaredas* terriveis.» (Padre Man. Bernardes—*Exercicios espirituaes* — 2º vol., p. 218).

«E a um santo religioso foi mostrada em visão uma escada, que estava no inferno, entre incendios voracissimos e *lavaredas*, que faziam um ruido, como levada de muitas aguas;...» (O mesmo — *Pão partido em pequeninos*, tom. 2º de *Varios tratados*, p. 61.)

«Curvou-se, levantou pelos *sovacos* o corpo inanimado, chamou-o, ungiu o rosto do sangue d'elle ainda quente e

(1) A proposito deste verbo nota Ruy Barbosa na sua magnifica *Réplica*: «Já o *Diccionario da Academia* dava por antiquado o verbo *assoviar*, que Domingos Vieira reproduz, mas que nem Moraes, nem Constancio adoptam. Aulete. Ad. Coelho, João de Deus e Candido de Figueiredo não o conhecem, registando apenas a versão *assobiar*, que é a de Al. Herculano (*Poesias*, p. 109, 171.) Penso, porém, como Constancio e Moraes, não haver motivo para excluir a fórma *assoviar*, que não perdeu a posse do uso commum, e me parece de onomatopeia ainda mais rigorosa que a outra.»

forcejou por tiral-o a rastos até ás trincheiras.» (Camillo --- *A bruxa de Monte Cordova*, 1ª parte, c. 13, p. 118.)

«E, mettendo as mãos nos *sobacos*, proseguiu aiteando o peito e sacudindo a cabeça.» (Idem---*Novellas do Minho*, X, *A viuva do enforcado*, 1ª parte, p. 64.)

«... e, sobraçando a *bassoura* de giesta para *barrer* o chão, e a almotolia para prover as lampadas, entrou no adro.» (Idem---*Novellas do Minho*, II, *O commendador*, p. 21.)

«Como a velhice nos *barre* tudo da memoria!» (Idem --- *Novellas do Minho*, XIII, *Maria Moisés*, 1ª parte, p. 42.)

«Estava um imperador turco a uma *varanda*; cahiu-lhe em baixo um papel da *zão*.» (M. Bernardes --- *Nova Floresta*, vol. IV, pag. 226.)

«Nisto, appareceu ella no postigo da *baranda*, e disse-me : . . . » (Camillo --- *Quatro horas innocentes*---p. 25.)

«As auras do mar bafejavam *tépidas*. Elrei passeava nas *barandas* do paço da Ribeira, aspirando o aroma dos laranjaes; e os frades de S. Domingos rezavam *vesperas*.» (Idem --- *O olho de vidro*, c. V, pag. 64.)

Eis-ahi : a mesma palavra ora escripta com *b*, ora com *v*. Os adjectivos que hoje terminam em *avel, evel, ivel, ovel, uvel*, acabavam todos primitivamente em *abil, ebil, ibil, obil, ubil* : depois é que se deu o abrandamento do *b* em *v*; mas, no superlativo absoluto, taes adjectivos readquirem a desinencia antiga: *amabilissimo, terribilissimo*. Nos *Luziadas* não se encontra um só adjectivo acabado em *vel*, todos em *bil*; por exemplo :

«Albuquerque *terribil*, Castro forte, E outros em quem poder não teve a Morte.» (Cant. I, oit. 14.)

E sempre assim : *inexpugnabil, incansabil, instabil, visibil, invisibil, impossibil, vendibil, volubil*.

MARIO BARRETO

A PROVA

II

Os primeiros dias foram para Marina de ineffavel satisfação: encheu-a de alegria o agitado poema do mar lançando-se na linha sinuosa das praias, toda semeada de casebres de pescadores, e de barcos de pesca, e o panorama das verdes montanhas que lhe recordava as *paysagens* queridas da terra.

E como por essas redondezas não havia olhares indiscretos que a perseguissem e cubicassem, não houve pedaço obscuro do parque, nem alvuras de praias, nem canto esquecido do solar que os seus pés e os seus curiosos olhos não lograssem percorrer.

Os pintores enviados de Lisboa pelo fidalgo, tinham substituído para cores

a lacres as estragadas pinturas do castello.

Pelas janellas abertas, a brisa saturada do mar já varrêra o derradeiro pó do passado, e o sol, entrando fartamente, dava uma nova expressão ao velho mobiliario e tapeçarias dos extinctos Taviras. As fendas do telhado e as arvores do parque estavam cobertas de ninhos, que assignalavam esse remoto abandono de vinte annos: e agora, não se ouvindo mais toques marciaes nem ruido de armaduras no gasto lagedo, o castello despertava todas as manhãs pela estridente algazarra dos passaros.

Junto ás suas muralhas, pelo lado exterior, onde existia um jardim, giestaes floridos embalsamavam o ar, que Marina com prazer aspirava, quando á tarde ia sentar-se para o pateo, donde se dominava a *paysagem* soberba—como outr'ora, nesse lugar e a essa hora, sentaram-se pensativas fidalgas, demorando os cansados olhos na mesma *paysagem*, a ver si já vinha o marido ou noivo querido, que mezes antes partira, avido de gloriosas aventuras. Ou então, pela manhã cedo, emquanto havia sombra pelos caminhos, ou mesmo ao descahir da tarde perfumada, Marina estendia os seus passos até os primeiros casaes da povoação, que ficava logo por detraz do parque. Mas não passara nunca desse limite, porque o fidalgo não gostava que ella fizesse relações com a rustica gente da aldea.

E com esses exercicios ao ar livre e essa flacidez do espirito, Marina readquiria rapidamente o joven vigor compromettido na reclusão do seu palacete em Lisboa, e as suas faces começavam a tingir-se de leve e delicado carmim—com grande contentamento para Torquato, que a via de novo recuperada da sua formosura e frescor, e já pensava em deixar o solar, onde pungitivas recordações o perseguiram e abatiam..

Mas, ou fosse a commoção ou o ar hispido do Oceano a que o seu organismo já se havia desabituaado, o fidalgo entrou a sentir, desde os primeiros dias, um grande mal estar que o detinha na cama com falta de ar e forte pressão no peito, sem que elle comprehendesse o que se estaria passando no seu corpo, de velhice tão robusta e sadia. Ao anoitecer, algumas vezes, esse estado aggravava-se até as caladas da noite. Nessas occasiões, para satisfazer-lhe a vontade e tranquillisar-lhe o espirito, Marina era forçada a arrastar longas horas junto do seu leito, até que, affagado pela sedativa maciez da mão que ella lhe estendia sobre a fonte, num movimento de caricia, Torquato adormecia de um somno leve e agitado. Sob a luz bruxoleante d'uma serpentina onde ardiam tres velas, que illuminavam o corpo

adormecido do fidalgo e em frente á imagem de uma Virgem das Dores, Marina tremia, apoderada de um medo angustioso.

De balde a joven procurava, invocando a imagem, rezar um mysterio do seu rosario ou lêr um romance de Walter Scott, tirado da bibliotheca do castello.

O medo transia-a, e as paginas do livro ou as contas do rosario succediam-se, sem que o seu pensamento apprehendesse reza ou capitulo.

E como o seu olhar fitasse de mais e todo se concentrasse nos olhos da Virgem, a serenidade desses olhos dava-lhe animo e fé. As lagrimas abundantemente rolavam-lhe pelas faces como gottas de orvalho em petalas de rosa. Então, com receio que o fidalgo acordasse e a visse chorando, levantava-se e caminhava até a sala contigua.

O rumor de seus passos no soturno silencio da noite produzia pelo castello um écho sombrio e agitava as paredes, onde os retratos, mal pintados a oleo, dos avós Taviras pareciam nesse momento reviver nas suas desbotadas couraças. Abria uma janella: e a noite, onde não brilhava outra luz que não fosse a das estrellas, semelhante-lhe um grande cáos como o que havia em sua alma; mas depois de algum tempo o vento do mar refrescava-lhe as fontes que escaldavam. E fechando de novo a janella, voltava para o quarto, onde só a Virgem, que serenamente a fitava com o seu olhar refulgente, podia a consolar e alliviar da sua afflicção. Assim, a morte que a horrorisava, apresentava-se em certas occasiões, como unico allivio á sua dor. Procurava, então, nas dobras do seu curto passado, lembrar-se de peccado tão grande que pudesse ter commettido para ser tão grandemente castigada. E pedia, num expontaneo e sincero lamento, que a N. S. das Dores lhe concedesse esse feliz descanso:

— Antes a morte, antes mil vezes a morte que este viver horrendo e sem tregua... ante a imagem da Virgem, desfeita em pranto, exclamava.

Emfim, uma manhã, tendo Torquato passado peor toda a noite anterior, consentiu que Marina mandasse chamar um medico a Tavira --- mas que se escolhesse um medico idoso.

O serviçal partiu a cavallo, e pela tarde voltou, acompanhado do medico, que não era idoso como desejara Torquato, mas moço e sympathico e de maneiras tão distinctas e nobres --- e tão breve nas suas visitas --- que o proprio fidalgo, sendo o mais desconfiado e prevenido dos homens, se sentira logo por elle captivado.

Os mais velhos esculapios, que eram apenas dois, e já curvavam ao fardo dos annos, o criado não os conseguira trazer --- achando-se um delles

doente e o outro em Lisboa --- e escolhera dentre os novos medicos de Tavira, o de mais nomeada...

A' saída, Marina acompanhou o doutor até a escada e perguntou-lhe como achava o estado do doente. Antes de responder, elle cravou os olhos no seu olhar, na curiosidade de penetrar-lhe o intimo e saber si era realmente de amor o sentimento que fazia entristecer tão bellos olhos e quebrar linhas tão suaves de sua physionomia.

Assim, a malicia que nelle a sua belleza gerara e inflirtara, tão depressa lhe assomára ao pensamento, logo expirou diante da serenidade e apagado brilho com que ella envolveu o seu olhar. Penalizado, então, por ver tanta formosura e juventude tão inutilmente empregadas, murmurou para acalmar-lhe o pezar:

--- O estado do marido de v. ex. não inspira cuidados. Conto que dentro de alguns dias estará completamente restabelecido...

Occultara-lhe nessa resposta a gravidade da molestia, cujas melhoras só poderiam ser transitorias e apparentes: o ciume, que não permittira descançar esse corpo e esse espirito, para os quaes a velhice já solicitava repouso, qual velha e gasta machina movida por novo motor --- havia-lhe causado em um anno, nas delicadas funcções do coração, consideraveis e irreparaveis estragos.

Mas quando Marina murmurou tão meigamente e com uma supplica docemente ingenua no seu olhar demorado: «Doutor, por favor, não deixe de vir amanhã...» foi mais pensando nelle, no desejado prazer da sua proxima visita, que na enfermidade do marido. E até elle transpor o vestibulo e montar o seu fogoso cavallo, que o esperava impaciente, Marina o acompanhou com o olhar e o coração, onde adolescente prazer se confundia já á sua langorosa tristeza. Mas a causa desse novo estado de sua alma, ella não logrou apprehender, tão limpidos e honestos eram nesse instante os seus pensamentos. Sómamente, o seu collo arfava com mais intensidade sob o influxo de desconhecida emoção...

Durante uma semana, cada dia o medico voltou pontualmente e cada dia as melhoras de Torquato milagrosamente accentuavam-se. A esse tempo Marina parecia mais florescente na sua belleza, ateando de novo desconfiança e ciume no coração do fidalgo, que a preferia taciturna e pallida como dantes, fenecendo por amor d'elle, que radiante e viçosa qual planta que renasce e floresce sob novas influencias. E Torquato, com a alma transbordando de ciume, pelo mal disfarçado contentamento que em Marina se manifestava, logo que percebia o medico se approximar e ouvia-lhe os passos na escada, começou a desconfiar-a toda absorvida na

imagem desse moço tão distincto e tão bello, cujo physico e maneiras contrastavam e humilhavam o seu acabrunhado physico e asperas maneiras. D'esse modo a sua inferioridade parecia-lhe maior ainda, vista pelo prisma do ciume. E quando á saída, ella acompanhava o medico até a escada, o coração do fidalgo parecia querer lhe saitar do peito. Mas essa demora era sempre tão diminuta que, embora quizesse ver n'ella proposito ou falta, a tranquillidade com que de novo ella entrava no quarto, logo o acalmava.

Como se sentia melhorar e não notando no modo de elle dirigir-se á Marina e de olhal-a, nenhum sentimento latente de coração --- antes achando-o um tanto reservado e de poucas falas --- faltava-lhe animo para bruscamente o despedir, quando o seu estado solicitava-lhe ainda os serviços.

Cuidadosamente observava os vestidos que ella mudava e os seus penteados e o alinhamento com que agora trajava, e estudava-lhe cada um dos seus gestos e maneiras, onde sempre encontrava motivo para julgal-a culpada de traição. E como era de genio pouco communicativo remoia em silencio o seu ciume. Aguardava então, com redobrada anciedade, que mais forte se tornasse o seu corpo abatido, para as resistencias da viagem. Mas uma clara manhã, sobre a mesa onde o medico escrevia as receitas e em face da imagem da Virgem, Marina collocára dois vasos com flores, colhidas por ella dentre as mais bellas e perfumosas do jardim. E bastou isso para que o fidalgo se desesperasse e exacerbasse na desconfiança que o minava --- e logo resolvesse despedir o medico, nessa mesma manhã... Prova mais clara de perfidia e traição não podia desejar! Não se enganara pois o seu coração, quando a trouxera por tanto tempo encerrada e guardada, e agora muito mais encerrada ainda a traria, oh! muito mais! mal chegassem a Lisboa.

O odio fazia estremecer a sua desbotada pelle que a magreza enrugara como a superficie de um lago, roçado e percorrido pela brisa.

Como estava abatido pela enfermidade e quasi exausto pelo excesso da emoção, que mais augmentava a pressão do seu peito, resolvera nada dizer-lhe e aguardar para mais tarde a vingança que tiraria, flagellante e terrível como á sua dor. Ella a desejara e quizera, portanto a teria! Mas, por emquanto, convinha antes dissimular.

Assim, quando o medico chegou essa manhã, com grande surpresa o encontrou vestido e sentado na sua cadeira de longo espaldar, que contava mais dum seculo, na qual estavam gravadas as suas armas. E foi com dissimulado sorriso que o fidalgo lhe par-

ticipara a recente resolução de partir para a capital, onde urgentes negócios o chamavam --- sentindo-se já muito melhor e agradecendo-lhe pela sua grande dedicação.

Emquanto eram ditas estas palavras, Marina, que não sabia da resolução do fidalgo, lançou ao medico expressivo olhar, onde amor e surpresa se misturavam...

Então, nesse intenso olhar, e nos modos contrafeitos do fidalgo e na extranha resolução da sua partida, o joven tudo comprehendeu: que ella o amava, que o fidalgo, mais perspicaz, já levantara o véo dessa occulta paixão... E só elle não a comprehendera, julgando Marina toda dedicada ao marido e somente a elle amando. No entanto, pela sua excelsa belleza apaixonara-se desde o primeiro dia, e com tamanho sacrificio trazia esse sentimento recalçado no recondito do seu peito...

Agora, era tarde demais...

Num relance, vio tambem as flores que ella collocára sobre a meza, onde pousava muito alva uma folha de papel e muito nova uma penna de aço e um tinteiro antigo.

E para que a suspeita do fidalgo não augmentasse, e por seu amor Marina não viesse a soffrer, procurou apparentar firmeza e indifferentismo. Mas no olhar que entre si trocaram á despedida, trocaram-se tambem os corações...

ANFILOQUIO MARQUES
(Continúa.)

Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO
DAS THEORIAS VIGENTES
PARTE 1.^a
CAPITULO II

4. (1) Depois de termos mostrado a maneira porque o mestre considerava os negativos, tratemos dos exemplos que elle dá em sua obra para provar a *realidade* destas quantidades.

Temos mostrado que Benjamin não ficou verdadeiramente senhor do alcance do principio de Descartes, porque não soube acceitalo como uma simples convenção imposta pela complexidade do facto concreto, pelo que commetteo o erro de limitar-se em seu trabalho a *interpretar* os negativos, quando devia mostrar simplesmente a necessidade de sua acceitação na sciencia mathematica. A confusão da theoria que combatemos melhor se accentúa pela analyse dos exemplos que apresenta Benjamin para provar que um negativo não é menor do que zero. Entretanto, é facil de ver que o illustre professor nem consegue isto provar, nem firma uma theoria racional.

Diz elle em sua obra:

« Supponhamos um corpo movendo-se em linha recta.

Si considerarmos a velocidade como positiva, quando o movimento tem lugar em um certo sentido, será negativa quando o movimento tiver lugar no sentido opposto. *E' uma consequencia a que nos leva neste caso a interpretação dos signaes + e -.*

Como é que deste exemplo se pode tirar argumentos para demonstrar que

toda a quantidade negativa é menor do que zero, e tanto menor quanto maior é o seu valor absoluto ou numerico? !...

Não é possivel harmonisar a idéa de velocidade com semelhantes propriedades, que se attribue ás quantidades negativas. Para harmonisar estas idéas é indispensavel suppôr que quando a velocidade é negativa o corpo anda menos do que quando está parado!... e tanto menos quanto maior é a velocidade no sentido indicado pelo signal -. E no entanto não é esta de certo a consequencia a que ninguem quer chegar, posto que ella seja irrecusavel para que as quantidades negativas possam gozar das propriedades que se lhes attribue. (1)

Este exemplo que poderia servir para combater a antiga theoria dos negativos, e, portanto, para firmar a nova theoria, serve apenas para mostrar que o illustre professor não tinha idéas bem accentuadas sobre o principio do phylosopho, porque não se servio deste principio com verdadeira propriedade, uma vez que reconhece ser este exemplo « uma consequencia a que nos leva neste caso a interpretação dos signaes + e - . » Interpretar o signal - dos negativos é reconhecer que elles provêm, não de uma necessidade imposta pelo facto concreto, e sim de uma operação. Quem acceita a theoria de Descartes não tem que interpretar o signal das quantidades, porque esta theoria *creou* os signaes para a *distincção* dellas.

Mas continuemos. A' pagina 28 de seo trabalho diz o illustre professor:

« Vamos a um outro exemplo que se tem tornado geral; consiste elle no seguinte:

Se representarmos por $a - b$ o estado pecuniario de um negociante ou de um individuo qualquer, representando por a a receita e por b a despeza, tres casos se podem dar: $b = a$, $b < a$, $b > a$.

No primeiro caso, sendo a receita igual á despeza, o individuo nada possui, mas tambem nada deve; no segundo, a receita sendo maior do que a despeza, tem elle um saldo a seu favor que o representaremos por c , sendo c a differença $a - b$, que é positiva neste caso; finalmente quando b é maior do que a , fica elle devendo a quantia c . Neste caso, porém, a differença que representamos ainda por c é negativa e igual a $-c$. Resulta pois que:

Se representarmos por c o valor absoluto ou numerico de uma certa quantia, $+c$ exprimirá uma quantia que um individuo possui realmente, $-c$ exprimirá uma divida. E' claro porém que a quantia designada por c é tanto maior ou tanto menor quanto maior ou quanto menor fôr o numero c que a representa, quer elle seja affecto do signal $+$, quer do signal $-$: isto é, quer represente um fortuna que alguém possui, quer represente uma divida.

Como é pois que deste exemplo se pode tirar argumento algum para confirmar ou demonstrar a these em questão?

A expressão $-c$ representando uma divida, e sendo verdade que toda quantidade negativa é menor do que zero, não havia realmenmente nada melhor para o devedor.

Neste exemplo, deixando mesmo passar a hypothese $b > a$, que Benjamin reconhece ser um absurdo, e admittindo tambem que o que provem de uma subtracção em que se formulou tal hypothese seja um negativo, o illustre professor não foi claro em seu raciocinio.

Com effeito, na hypothese $b = a$ o individuo nada tem, isto é, o seu estado pecuniario

é nullo. Na segunda, $b < a$, o individuo tem um saldo, isto é, o seu estado pecuniario tem um certo valor. Na terceira hypothese, $b > a$, o individuo tem uma *divida*, isto é, o seu estado pecuniario é mais precario do que a do individuo que nada tem. Si o estado pecuniario nullo fôr representado por zero, o estado pecuniario do individuo que deve só pode ser menor do que zero, porque quem nada tem e nada deve está em melhores condições do que quem nada tem e deve uma certa quantia.

Mas Benjamin não encontrou este argumento em favor da antiga theoria, porque representando por $a - b$ o estado pecuniario de um individuo, conclue que uma *divida não pode ser menor do que zero*.

De facto uma divida não pode ser menor do que zero, porque representa um valor, mas si o estado pecuniario do individuo que nada tem é zero, o daquelle que nada tem e deve é forçosamente menor do que zero.

Si Benjamin estivesse bem compenetrado do principio de Descartes não teria a infeliz idéa de representar o estado pecuniario de um individuo pela differença $a - b$, para concluir que uma divida não é menor do que zero, porque por uma simples applicação do principio, si se chamou $+c$ a fortuna ou o saldo que tem um certo individuo e si se chamou $-c$ a divida que elle tem, apenas representando-se abstractamente o que se dá no mundo real, ninguem irá suppor que seja uma divida menor do que zero. Acceitando-se simplesmente a convenção do phylosopho, isto é, partindo-se do concreto para o abstracto, chega-se cada vez mais a firmar sua necessidade na sciencia, a crear uma theoria que põe por terra a antiga theoria, livrando assim cada vez mais a mathematica da influencia metaphisica, sem precisar recorrer a interpretação dos signaes $+e-$ como fez Benjamin nos exemplos anteriormente citados e sem partir do estado pecuniario e concluir para a divida como fez no presente.

A estas incongruencias devia elle na verdade chegar, uma vez que confunde negativos com subtracção, e a ellas sempre chega toda a vez que assim procede em sua obra.

Diz elle:

« O argumento tirado da gradação dos thermometros, para o qual alguns appellão coma fornecendo uma confirmação destas propriedades, é tão ineficaz como qualquer outro; e só poderá servir para illudir áquelles que forem completamente ignorantes dos comisinhos principios de physica.

A temperatura de um corpo qualquer, variavel em geral com o tempo, representa em cada instante a quantidade de calorico sensivel que elle contem, e augmenta ou diminue conforme augmenta ou diminue esta quantidade.

Assim pois, o exemplo do thermometro só poderia servir si o zero da escala correspondesse á completa ausencia de calorico num corpo, o que não tem realmente lugar, nem é possivel ter; impossibilidade esta que se concebe tanto mais claramente quanto mais se reflecte na especie da grandeza considerada. Este ponto representa sempre, como se sabe, uma quantidade determinada de calorico.

Nos thermometros centigrados e de Réaumur (a que se referem) corresponde á temperatura do gelo fundindo: isto é, a uma determinada quantidade de calorico sensivel que se conserva invariavel durante o phenomeno da fuzão do gelo, e no de Fahrenheit a uma mistura refrigerante de gelo pilado e sal marinho, que produz uma temperatura mais baixa que a do gelo fundindo e é representada por 32 grãos abaixo desta.

Qualquer outra temperatura mais alta ou mais baixa poderia ser tomada para zero na gradação de um thermometro tão impropriamente como

(1) O gripho é nosso.

cada uma das mencionadas, uma vez que se a pudesse reproduzir á vontade, o que é necessario para a verificação deste appa-ralho.

Assim quando se diz que a temperatura de um corpo é por exemplo de -10° , entende-se nos thermometros centigrado ou de Réamur uma temperatura menor que a do gelo fundindo, e no de Fahrenheit que é menor que a da mistura de gelo e sal marinho

As considerações expostas são sufficientes para dar uma idéa da completa inaptidão deste exemplo para o fim a que se propõe, fornecendo ao contrario nelle mais uma *prova importante a favor da unica e verdadeira interpretação concreta dos signaes + e -*; não obstante convem-nos fazer algumas reflexões mesmo para desvanecer qualquer duvida que possa ainda ter lugar.

Qualquer que seja a temperatura designada por zero, concebe-se sempre e existem realmente temperaturas mais baixas e mais elevadas que esta

E' certo tambem que, quanto maior for o numero de grãos do thermometro que designar qualquer outra temperatura, tanto maior será ella em relação á designada por zero, si elle for positivo, e tanto menor será do que esta, se elle for negativo, o que parece de inteira harmonia com as proposições que combatemos. Ha porém no argumento tirado deste exemplo, como em todos os que em favor destas proposições se tem apresentado, uma inexplicavel confusão entre as idéas de valor e as idéas de relação. Para pôr bem em evidencia uma tal confusão, limitamo-nos por agora a este exemplo: representamos por g a quantidade de calorico que corresponde á temperatura designada por zero, em qualquer thermometro, por t uma outra diferente de g , por n o numero de grãos que corresponde a t e por c a quantidade de calorico que corresponde ao grão do thermometro que é função do calorico especifico do mercurio, da capacidade do reservatorio e do diametro do tubo do thermometro; nc ou $t-g$ representará uma quantidade de calorico que é necessaria ajuntar ou subtrahir a g , conforme a differença $t-g$ for positiva ou negativa, para ter-se a quantidade de calorico ou a temperatura t que corresponde a n grãos do thermometro.

E' evidente que quanto maior fôr n tanto maior ou tanto menor será a temperatura correspondente, conforme n fôr positivo ou negativo, pois que no 1.º caso, tanto maior é a quantidade de calorico que é necessario ajuntar a g para ter-se a que corresponde a n , e no 2.º tanto maior é a quantidade de calorico que é necessario diminuir de g .

Daqui porém nada se pode concluir em favor dos principios que se pretende estabelecer. Em 1.º lugar, por mais baixa que seja uma temperatura com relação áquella tomada para zero, ella representa sempre uma quantidade de calorico existente, e que é portanto positiva na accepção mathematica em que se costuma tomar esta palavra; em 2.º lugar, o numero $+n$ ou $-n$ designa sempre uma mesma quantidade determinada de calorico e directamente proporcional ao valor numerico de n : os signaes $+e-$ indicam unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida, o que determina duas temperaturas equidistantes de g , uma tomada a partir de g no sentido das temperaturas cres-

tes, outra no sentido das temperaturas decrescentes. (1)

Podemos sem inconveniente ficar aqui.

O exemplo sendo por demais obscuro deixa, entretanto, bem clara a confusão que em toda a sua obra faz Benjamin entre o que deve ser um negativo e a subtracção. Mas acompanhemo-lo em seo raciocinio. Diz elle que quanto maior for n (numero de grãos que corresponde a t) tanto menor será a temperatura correspondente, no caso de ser n negativo, pois que, neste caso, maior é a quantidade de calorico que é necessario subtrahir de g : diz, por conseguinte, Benjamin que a temperatura negativa será tanto menor quanto maior for n ; isto é, das duas temperaturas -5° e -8° , a menor é -8° , porque para se chegar a esta temperatura é necessario subtrahir de g (quantidade de calorico que corresponde ao zero) uma quantidade de calorico maior do que a necessaria para se chegar a -5° . Parece, portanto, pelo raciocinio de Benjamin, que a quantidade negativa é menor do que zero e tanto menor quanto maior for o seo valor absoluto, e tal era a conclusão a tirar do exemplo apresentado, si não fosse sua affirmacção previa de que por mais baixa que seja uma temperatura em relação á designada por zero, ella representa sempre uma certa quantidade de calorico existente e positiva na accepção mathematica desta palavra. Mas o certo é que apezar desta consideração nada consegue provar quanto á inefficacia do exemplo apresentado pelos partidarios da antiga theoria, porque si por exemplo a temperatura -8° accusada por determinado corpo representa a quantidade de calorico existente, esta quantidade de calorico é sempre menor do que a representada pela temperatura zero, uma vez que para se chegar a -8° é preciso subtrahir da quantidade de calorico que representa a temperatura zero, uma certa quantidade de calorico.

Assim, uma temperatura negativa é sempre menor do que a temperatura zero, embora esta ultima não signifique ausencia de calorico.

Benjamin não quiz tirar esta conclusão e fugio á questão, dizendo que por mais baixa que seja uma temperatura em relação áquella tomada para zero, ella representa sempre uma certa quantidade de calorico existente e que é portanto positiva na accepção mathematica em que se costuma tomar esta palavra. E' um facil recurso, mas que não basta para provar que qualquer temperatura abaixo de zero não é menor que a temperatura zero. E si uma temperatura abaixo de zero representa uma certa quantidade de calorico, é justamente porque o zero da escala não é o zero absoluto. Si o facto do zero da escala thermometrica não representar a ausencia de calorico dá uma idéa da completa inaptidão deste exemplo para o fim a que se propõe, como quer Benjamin, o raciocinio nelle empregado é de todo logico, e por elle uma quantidade negativa é sempre menor que zero.

Depois, quando esquecendo a logica, diz que o caso dos thermometros nada pode offerer em favor dos principios que se pretende estabelecer, porque o numero $+n$ ou $-n$ designa sempre uma mesma quantidade determinada de calorico e directamente proporcional ao valor numerico de n : os signaes $+e-$ indicam unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida, o que determina duas temperaturas equidistantes de g , uma tomada a partir de g no sentido das temperaturas crescentes, outra no sentido das temperaturas decrescentes, o illustre Benjamin torna-se de uma confusão que precisa ser desfeita. Os numeros $+n$ e $-n$ são os grãos que representam as temperaturas $+t$ e $-t$, e são portanto directamente proporcionaes ao valor de n ; isto é, do zero da escala os grãos crescem tanto para cima como para baixo. Por outro lado, para se ter as temperaturas $+t$ e $-t$ é preciso sommar ou subtrahir de

g o producto nc . Si se sommar nc temos a temperatura $+t$ que representa a quantidade de calorico $+nc$ que é superior a quantidade g ; si subtrahirmos nc temos a temperatura $-t$ que representa a quantidade de calorico $-nc$ que é menor do que g : portanto as temperaturas positivas são maiores do que a temperatura zero, as temperaturas negativas são menores do que a temperatura zero.

Si Benjamin não encontra no exemplo dos thermometros um argumento em favor da antiga theoria, não é de estranhar, porque aqui como na differença $a-b$, admite que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, ou fazendo a hypothese de $b > a$, ou subtrahindo de g a quantidade de calorico nc que lhe é superior e tanto mais quanto maior for o valor de n . Na differença $a-b$ o resto é tanto maior quanto maior for b , porque subtrahir é sommar um negativo, mas no caso do thermometro acha evidente que quanto maior for n tanto menor será a temperatura, no caso de n negativo, mas não é menor do que zero porque o zero da escala é arbitrario. Não precisa tanto artificio para se applicar o principio de Descartes ao caso dos thermometros, ou traduzir abstractamente um facto concreto, ou provar que os negativos não são menores do que zero. Ha necessidade de se medirem as temperaturas, ou melhor, de no calculo distinguirse o que se chama em linguagem commum *frio*, daquillo que se chama *calor*. Para se chegar a este resultado é preciso se comparar as differentes temperaturas com outra, certa e determinada. Ha necessidade portanto de ser esta ultima facilmente reproduzida, tomando-se para termo de comparação uma certa temperatura, que para uns é a temperatura da fusão do gelo e para outros é a temperatura de uma mistura de sal commum e gelo pilado.

Qualquer uma destas é a origem das temperaturas. Para se saber de quantos grãos a temperatura actual é superior a origem graduou-se o tubo do thermometro no sentido das temperaturas positivas; para se saber de quanto é inferior graduou-se o tubo no sentido das temperaturas negativas. As temperaturas positivas caracterisam o calor, as negativas significam o frio. Nestas condições tanto as temperaturas positivas como as negativas são maiores do que zero ou a temperatura origem, porque no primeiro caso $+8^{\circ}$ significa uma temperatura quente superior á temperatura zero, e -8° significa uma temperatura fria inferior a mesma temperatura zero. Signifique o zero existencia ou ausencia de calorico, uma temperatura positiva é sempre maior do que zero, porque significa *calor*, como uma temperatura negativa é sempre maior do que zero, porque significa *frio*, calor e frio comparados á temperatura origem ou zero. Como consequencia, a quantidade de calor ou frio $+nc$ ou $-nc$ é directamente proporcional a n , isto é, os grãos do thermometro crescem a partir do zero da escala tanto para cima como para baixo, e um negativo é tão real como um positivo. Não ha, pois, necessidade de levar-se em conta os signaes $+e-$, significando o primeiro que á temperatura zero se deve sommar uma certa quantidade de calorico, e o segundo indicando que se deve diminuir de g a mesma quantidade, afim de se ter duas temperaturas equidistantes de g , porque tinhamos de considerar as temperaturas negativas como *temperaturas a subtrahir*, o que é na verdade uma coisa bem difficil de comprehender. O que na realidade é certo é que o numero $+n$ designa uma quantidade de calorico directamente proporcional ao valor de n ; isto é, nas temperaturas positivas, quanto maior for n ou o numero de grãos, tanto maior será a quantidade de calorico e por conseguinte mais alta será a temperatura do corpo; da mesma maneira, o numero $-n$ designa uma quantidade de calorico inversamente proporcional ao valor numerico de n ; isto é, nas temperaturas negativas, quanto maior for n ou o numero

(1) Obra citada pags. 30, 31, 32.

de grãos, tanto menor será a quantidade de calorico, e por conseguinte tanto mais baixa será a temperatura do corpo, não havendo necessidade da explicação de Benjamin que diz que o numero $+n$ ou $-n$ designa sempre uma mesma quantidade de calorico e directamente proporcional ao valor de n , os signaes $+$ e $-$ indicando unicamente que ella deve ser sommada ou subtrahida.

Taes são os exemplos mais importantes citados pelo illustre professor para combater a antiga theoria dos negativos, e dos quaes, como vimos, não pode derivar uma theoria sã e clara dessas quantidades.

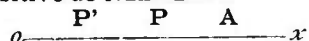
5. Resta-nos agora acompanhar o nosso illustre mestre na refutação que apresenta ás demonstrações dadas pelos representantes da antiga theoria, com o fim de provarem que o negativo é menor do que zero, com a consequencia de ser tanto menor quanto maior fôr o seo valor absoluto.

Passaremos rapidamente por esta parte, porque accetando-se o principio de Descartes e lendo-se o livro de Benjamin, é facil de ver que elle cahi nas maiores contradicções.

Na pagina 40 de sua obra combate a seguinte demonstração de M. Paque:

« Théorème. Une quantité négative est relativement d'autant plus petite, que sa valeur absolue ou arithmetique, est plus grande.

Demonstration. Soit $O A \times$ de sens positive de translation



á origine o , supposons que l'on veuille transporter cette origine en A : soient deux points quelconque P et P' situés entre O e A e posons $O A = n$, $A P' = a$, $P P' = i$, n , a , et i , exprimant les longuers des droites $O A$, $A P'$ et $P P'$, en fonction d'une unité linéaire quelconque, on a évidemment,

$$O P' < O P$$

$$O A - A P' < O A - A P$$

$$O A - (A P + P P') < O A - A P$$

ou encore

$$n - (a + i) < n - a$$

que l'on peut d'ailleurs écrire, en se fondant sur la règle d'addition

$$n + [-(a + i)] < n + [-a]$$

Et pour satisfaire á cette inégalité, il faut que

$$(1) \quad -(a + i) < -a \quad \text{ou} \quad A P < A Q'$$

Cette dernière relation, qui établit le théorème proposé, subsiste encore lorsque l'on suppose « a » nul, puisqu'au lieu de $O P' < O P$, on a $O P' < O A$, par suite on voit (zero ne pouvant être affecté d'aucun signe) que $-i < 0$.

Vejamos como Benjamin refuta esta demonstração por si tão clara, mas erronea, de M. Paque.

Diz elle á pagina acima citada de sua obra: « Conforme vimos em o n.º (13) chegou Paque á seguinte desigualdade deduzida da figura (1):

$$n - (a + i) < n - a$$

em que

$$n = O A, a = A P, e i = P P'.$$

Desta desigualdade se conclue immediatamente que é necessario, para que ella tenha lugar que a parte negativa $-(a + i)$ ou $A P'$ seja maior que a parte negativa $-a$ ou $A P$, pois que os dois membros desta desigualdade representando diferenças nas quaes o minuendo (n), ou a parte positiva ($O A$) é a mesma, para que a primeira diferença seja menor que a 2.ª é indispensavel que a quantidade a subtrahir $-(a + i)$ seja maior que $-a$, o que aliás é evidente não só na fig. (1) como nas proprias expressões dessas quantidades; o autor porém suppoz evitar esta consequencia dando á desigualdade a seguinte forma (o que é permitido)

$$n + [-(a + i)] < n + [-a]$$

Então conclue elle que, cada um dos membros desta desigualdade re-

presentando uma somma composta de duas parcellas, e havendo entre ellas uma parte commum (n), para que a primeira somma seja menor que a 2.ª é necessario que, a 2.ª parte da 1.ª seja menor que a 2.ª parte da 2.ª; isto é que

$$[-(a + i)] < [-a]$$

ou tirando os parenthesis

$$-(a + i) < -a \quad \text{ou} \quad A P' < A P$$

Dahi conclue tambem, fazendo $a = 0$, que,

$$-i < 0, \text{ ou } P P' < 0$$

Não é preciso esforço para conhecer-se o sophisma infeliz de que elle se servio. Com effeito os parenthesis com que envolveu as quantidades e com que parece que teve em vista mascarar a questão, nem ao menos podem produzir este resultado. Esta 2.ª desigualdade é absolutamente a mesma que a 1.ª; cada membro representa ainda uma diferença, na qual a parte positiva (n) representa o minuendo e a parte negativa o subtrahendo, e portanto tem-se evidentemente ainda

$$[-(a + i)] > [-a], \text{ ou } -[a + i] > -a, \text{ e } i > 0.$$

Eis como o illustre Benjamin critica a demonstração de M. Paque, mas vejamos si foi claro em seo raciocinio e si foi justo com aquelle autor.

Em primeiro lugar, tomando a desigualdade

$$n - (a + i) < n - a$$

conclue immediatamente Benjamin que é necessario que a parte negativa $-(a + i)$ seja maior do que $-a$ ou $A P'$ seja maior do que $A P$, quando deveria dizer que a expressão

$$n - (a + i) < n - a$$

é uma verdadeira desigualdade, porque o subtrahendo do primeiro membro, que é $+(a + i)$ é maior do que o subtrahendo do 2.º membro da desigualdade, que é $+a$, porque ambos os membros representam: o primeiro a diferença entre os positivos $+n$ e $+(a + i)$, e o segundo, a diferença entre os positivos $+n$ e $+a$.

Resulta, pois, em primeiro lugar que Benjamin confundia a subtracção com os negativos, e é por isso que elle chama no começo a expressão $-(a + i)$ de parte negativa e depois chama a mesma expressão de quantidade a subtrahir.

Em 2.º lugar acha que é permitido passar da expressão

$$n - (a + i) < n - a \quad (1)$$

para esta outra

$$n + [-(a + i)] < n + [-a], \quad (2)$$

mas não conclue com M. Paque que é preciso que a parcella $-(a + i)$ seja menor do que a parcella $-a$, isto é, não conclue que um negativo é tanto menor quanto maior for o seo valor absoluto, porque a expressão (2) é em ultima analyse uma diferença e é preciso portanto que

$$-(a + i) > -a.$$

Na verdade é interessante o artificio. M. Paque achou que tomando a somma (2) e não a diferença (1) chegaria mais commodamente ao seo resultado, e Benjamin diz que é permitido passar de uma para outra, mas só se deve tirar a conclusão, considerando sempre a expressão acima uma diferença!

E' entretanto facil de descobrir o engano de Benjamin. Vejamos.

M. Paque diz que uma quantidade negativa é relativamente tanto menor quanto maior fôr o seo valor absoluto ou numerico; isto é, para M. Paque um negativo é menor do que zero, e a somma de um negativo e um positivo, dá como consequencia a diferença entre seos valores absolutos.

M. Paque, para chegar a demonstrar sua these servio-se de um principio que deriva da antiga theoria, e Benjamin para combater a proposição de Paque serve-se do mesmo principio. Mas, accetando o principio de que $A + (-B) = A - B$ já se admittio de antemão que o negativo é menor do que zero, e portanto não ha necessidade de se

provar o contrario lançando mão do sophisma de que usou Benjamin.

Si o illustre mestre tivesse reflectido melhor, teria visto que M. Paque em sua demonstração não tratou de negativo algum, porque estes só poderiam existir a esquerda da origem o na fig. (1), e uma vez que transportou a origem para A e considerou este ponto nova origem, estava contra o theorema de Descartes ou figurou apenas uma subtracção entre grandezas lineares. E' por ter tomado duas origens, isto é, é por ter confundido o sentido contrario com o sentido directamente opposto, que M. Paque chegou ao absurdo de dizer que

$$-(a + i) < -a$$

e é pela mesma razão que Benjamin chegou geitosamente a concluir que

$$-(a + i) > -a$$

quando deveriam concluir que

$$+(a + i) > +a$$

o que era imposto pelas diferenças indicadas nos dois membros da desigualdade, e o que estava muito de accordo com a figura.

Mas acompanhemos o mestre em sua refutação. Diz elle, em seguida ao exemplo que acima citamos:

« Ha uma outra demonstração que tem muita analogia com esta e, por isso aproveitamos a occasião para apresental-a. Trata-se de demonstrar que uma quantidade negativa é menor que zero.

Seja por exemplo -30 .

Ajuntando a esta quantidade $+30$, tem-se $(-30) + 30 = 0$.

Dizem então: a parte é menor que o todo, assim pois tem-se evidentemente $-30 < -30 + 30$ ou $-30 < 0$.

Basta notar que nem ao menos se lembrão aquelles que apresentão esta demonstração que, se se considerar $(-30) + 30$ como um todo, deve-se ter tambem $+30 < 0$, pois que o axioma citado é applicavel a cada uma das partes de que o todo se compõe.

Esta demonstração, além de vir assim estabelecida em alguns compendios d'Algebra, está implicitamente contida na demonstração pelas series de numeros positivos e negativos mencionados em os ns. (11 e (13), (1) onde designámos tambem os compendios em que ellas se encontram. Nesta demonstração o absurdo da argumentação é manifesta; a expressão $(-30) + 30$, ou em geral $(-a) + (a)$, representa uma diferença arithmetica e para que a diferença seja zero, é necessrrio evidentemente que o minuendo seja igual ao subtraheddo. Ainda quando se considere $(-a) + (a)$ como um todo (somma algebraica) é evidente que, para ser nulla uma semelhante somma, é necessario que as quantidades sejam iguaes e de signaes contrarios; isto é, que

$$+a = -a$$

Assim pois a consequencia, muito diversa da que se pretendia tirar, está ao contrario em perfeita harmonia com o que dissemos sobre a comparação das quantidades positivas e negativas, isto é que a comparação deve ser feita unicamente entre os valores absolutos fazendo-se abstracção dos signaes $(+)$ e $(-)$ que podem afectar as quantidades que em abstracto representão operações a effectuar e debaixo do ponto de vista concreto indicão opposição de sentido nas grandezas correspondentes. « Como temos visto precedentemente, estes dois pontos de vista debaixo dos quaes se pode considerar as quantidades positivas e negativas, isto é, a sua significação abstracta e a sua interpretação concreta estão sempre em perfeita harmonia. (1) »

(1) Vide obra citada, (2) Os griphos são nossos.

Vejamos até que ponto tem razão o illustre Benjamin.

O mestre admitte que $-30 + 30 = 0$, mas não acha applicavel ao caso o axioma de que a parte é sempre menor do que o todo, porque se teria $+30 < 0$. Mas se a applicação do axioma é manifestamente logica porque não a accieita? Justamente porque aquella expressão representa uma differença e para que a differença seja zero é necessario que as quantidades sejam eguaes e de signaes contrarios, isto é, é preciso que se tenha

$$+30 = -30 \text{ ou } +a = -a$$

O argumento é forçado. Para que uma differença seja igual a zero, é preciso e basta que seus termos sejam iguaes, isto é, suppondo que $-30 + 30 = 30 - 30 = 0$, é preciso que o subtrahendo seja igual ao minuendo, o que na verdade se verifica no caso em questão, e nós temos

$$+30 = +30 \text{ ou } +a = +a, \text{ e}$$

não $+30 = -30$ ou $+a = -a$, expressões que derivam do principio enunciado por Benjamin, e que diz que uma differença é igual a zero, quando seos termos forem iguaes e de signaes contrarios. Mas este enunciado é uma consequencia de se considerar $-30 + 30 = 0$, e quem assim considera já admittio que $-30 < 0$ e não pode sem sophisma tentar provar que $-30 > 0$.

O recurso de que lançou mão o mestre em dizer que uma somma de duas quantidades de signaes contrarios se reduz á differença entre ellas, não é pois bastante para combater a antiga theoria, porque se não se admitte o axioma citado, commette-se o erro maior de admittir que um negativo é menor que zero e de se tentar provar que é maior.

O axioma citado, não pode ser accieito no caso em questão para provar que um negativo é menor que zero, não porque aquella somma se reduza a uma differença, mas porque o caso não é appropriado ao fim a que se destinam os partidarios da antiga theoria. De facto, a expressão $-30 + 30$ não nos dá um todo nullo ou igual a zero; a somma destas duas parcellas de signaes contrarios é, para os que admittem o principio de Descartes, igual em valor absoluto a 60 e a applicação do axioma ao caso, ao envez de provar que um negativo é menor que zero, apenas mostra que o axioma é absolutamente geral. E si o illustre mestre se tivesse lembrado que no começo da sua obra disse que «se sobre uma linha recta um ponto estiver 30 metros a direita de outro, e um segundo estiver 30 metros a esquerda, a linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa si não possuísse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes a estas palavras (direita e esquerda) porque o numero 30m. não bastará para determinar as grandezas correspondentes» teria visto que a somma de -30 e $+30$ não pode ser nulla, porque -30 representam grandezas homogeneas e iguaes. Admittir, porém, que tal somma seja nulla para concluir que $+30 = -30$, pela applicação de um principio erroneamente enunciado é de facto combater uma theoria absurda e antiga por outra absurda e moderna.

Entretanto, si, admittindo o principio de Descartes, se disser que a somma de -30 e $+30$ é igual em valôr absoluto a 60, teremos.

$$(-30) + (+30) = 60$$

Subtrahido a ambos os membros $+30$, vem

$$(-30) + (+30) - (+30) = 60 - (+30) \text{ ou}$$

$$-30 = 30$$

o que quer dizer que uma quantidade negativa não pode ser menor do que zero porque é igual a uma positiva do mesmo valor absoluto. A este resultado deveriamos na verdade chegar, porque de antemão admittimos que -30 não era menor do que zero, e o artificio logico que empregamos não podia nos conduzir a outro resultado. Benjamin admittindo de antemão que -30 é menor do que zero, chegou a provar que é maior, não por meios logicos, porém applicando um principio que não deve figurar na sciencia.

Na verdade não podia o mestre proceder

de outra maneira na apreciação que fez, uma vez que para elle as negativas provêm de uma subtracção e são quantidades a subtrahir; mas o que admira é que, tendo reconhecido a necessidade de introduzir no calculo certas noções, diga que estes dois pontos de vista debaixo dos quaes se pode considerar as quantidades positivas e negativas, isto é, a sua significação abstracta e a sua interpretação concreta, estão sempre em perfeita harmonia!

O illustre professor Benjamin Constant, porem, apresenta em sua obra, a par dos artificios de que muitas vezes lançou mão, uma opinião tão clara á respeito dos negativos, que não se pode deixar de lamentar não tivesse o grande mestre se libertado de uma vez da influencia metaphisica da antiga que é explicavel pelo apego que tinha ás theoria, o idéas de Augusto Comte, cuja theoria em má hora lembrou-se de desenvolver. Assim, quando o mestre trata dos negativos debaixo do ponto de vista abstracto, apresenta argumentos absurdos, como temos visto, que muito contrastam com o modo porque se manifesta quando os considera sob o ponto de vista concreto. Diz elle:

«As quantidades negativas se comparam entre si e com as positivas, segundo os seos valores absolutos, abstractão feita dos signaes. Assim se designarmos por (a) qualquer quantidade, é evidente que essa quantidade será tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor numerico de (a) , quer elle seja affecto do signal $+$, quer do signal $-$; estes signaes acrescentam simplesmente á idéa de quantidade uma idéa de qualidade ou de uma circumstancia de qualidade.

Para mais esclarecer o que temos dito, tomemos alguns exemplos.

Supponhamos que por (a) designamos uma distancia. E' evidente que esta distancia será tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor numerico de (a) , quer elle seja affecto do signal $+$, quer do signal $-$; isto é, quer a distancia seja contada em em certo sentido, quer em sentido opposto.» (1)

Depois de uma clareza tão completa, como a do trecho que citamos dá outros exemplos, que bastam perfeitamente para mostrar que estaria verdadeiramente senhor da accepção em que devem ser tomados os negativos, uma vez que ficasse limitado ao theorema do fundador da Geometria Analytica. Deste simples exemplo, pode-se logo concluir:

1º Que os negativos são reaes como os positivos e que portanto como estes são maiores do que zero;

2º Os negativos não provêm de uma subtracção impossivel e são apenas os symbolos com que se representam grandezas reaes. Parece, pois, que Benjamin parte do concreto para o abstracto para fundar uma theoria daquellas quantidades, o que infelizmente não se realisa, porque não conseguiu, apesar da influencia carteziana, libertar-se dos principios emanados da antiga theoria. Isto se vê claramente, quando trata os negativos sob o ponto de vista abstracto. E' o que mais uma vez se pode ver do trecho que citaremos. Diz elle:

«Supponhamos duas quantidades de signaes contrarios, tendo o mesmo valor numerico ou absoluto.

Todos os argumentos que temos apresentado, todas as applicações das quantidades positivas e negativas demonstram que estas quantidades são iguaes. (!!!)

Representemos por (a) o valor numerico commum ás duas quantidades consideradas, e estabeleçamos a seguinte igualdade que resulta de sua comparação: teremos assim:

$$a = -a$$

Uma das objecções que se apresenta é a seguinte:

Si esta igualdade é verdadeira, ajuntando a ambos os seos membros a mesma quantidade, os resultados devem ser iguaes; o que não acontece, pois ajuntando-se (a) a ambos os membros, vem

$a + a = -a + a$ ou $2a = 0$
igualdade absurda, logo é tambem absurda a igualdade

$$a = -a$$

Para destruir esta insignificante objecção basta notar que, quando se escreveo (a) com o signal $+$ no 1º membro da igualdade acima, augmentou-se com effeito o 1º membro dessa quantidade; porém, quando se escreveo (a) com o signal $+$ no 2º membro, fez-se a somma algebraica de duas quantidades de signaes contrarios, que corresponde a subtrahir desse membro a quantidade (a) . Ora si duas quantidades são iguaes, ajuntando a uma dellas qualquer quantidade, e subtrahindo da outra essa mesma quantidade, os resultados são evidentemente desiguaes, sendo o 1º maior que o 2º; portanto teremos:

$$2a > 0$$

e não

$$2a = 0$$

que é realmeete um absurdo, assim como é falso e absurdo o argumento em que consiste a objecção. (1)

Fiquemos aqui, pois nosso intento é mostrar que neste trecho não teve o mestre a mesma clareza que no antecedente. Foi infeliz na refutação á objecção dos partidarios da antiga theoria, porque em primeiro lugar querendo provar que as quantidades $+a$ e $-a$ são iguaes, admittio de antemão que ellas o eram e mantem por fim esta hypothese. Em segundo lugar, querendo fugir á influencia do principio de que $a + (-a) = a - a$, o que deo para resultado ser nullo o segundo membro da igualdade acima tomada, acabou accieitando este principio e não chegou á conclusão dos antigos, pelo sophisma de que a somma de (a) no primeiro membro o augmentava, ao passo que no segundo o diminuia este, isto é, não fugio ao principio incompativel com as idéas expostas no trecho anterior. Por este trecho, bastaria dizer que $a = -a$ porque qualquer destas quantidades pode representar a mesma grandeza, e a negativa $-a$ não pode ser menor do que zero.

Ainda por elle, bastaria afirmar que quando se sommo (a) aos membros da igualdade $a = -a$ ambos os membros ficaram augmentados da quantidade (a) e o 2º membro não podia mais ser igual a zero, porque não ha mais differença entre somma algebraica e somma arithmetica, uma vez que a sciencia moderna reconhece que o signal $-$ acrescenta simplesmente á idéa de quantidade uma idéa de qualidade ou uma circumstancia de qualidade.

Si a theoria das quantidades negativas tivesse ficado em synthese como a deixou A. Comte, talvez que ainda tivesse uma accieitação duravel na sciencia; desenvolvendo-a, porém, Benjamin prestou um grande serviço, não em mostrar que é uma theoria accieitavel como elle suppunha, mas que é uma theoria metaphisica e que deve ser abandonada.

A analyse rapida que fizemos do livro deste grande mestre, foi talvez bastante para provar o que dissemos no começo deste pequeno trabalho, de que ha na mathematica duas proposições que se repellem e que têm escapado aos geometras e philosophos.

O receio que temos de não ter ainda conseguido provar este asserto, leva-nos a mais algumas considerações.

TERTULIANO BARRETO,
1º Tenente de Artilharia.

(Continúa)

(1) Vide pag. 53 obra citada.

(1) Vide pag. 57 da obra citada. Os grifos são nossos.